

Elis Barroso & Aj Tolissano





Aj Tolissano e Elis Barroso

Flores de Chumbo



1º Edição

Copyright © Antonio José Tolissano Elis Barroso, 2018

Revisão : Elis Barroso

Diagramação e Capa : Aj Tolissano

Imagem da capa: CCFinder

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico e mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa do autor (lei nº 9.610 de 19.2. 1998).

Todos os direitos desta edição reservados ao autor

Sumário

- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)
- [7](#)
- [8](#)
- [9](#)
- [10](#)
- [11](#)
- [12](#)
- [13](#)
- [14](#)
- [15](#)
- [16](#)
- [17](#)
- [18](#)
- [19](#)
- [20](#)
- [21](#)
- [22](#)
- [23](#)
- [24](#)
- [25](#)
- [26](#)
- [27](#)
- [28](#)

[os autores](#)

[Notas](#)

[\[7\] O Fonógrafo é um aparelho inventado em 1877 por Thomas Edison para a gravação e reprodução de sons através de um cilindro. Ele foi o primeiro aparelho capaz de gravar e reproduzir sons. Foi um avanço importante para o desenvolvimento de mecanismos de som](#)



*Meu jardim é triste
Sem sementes
Sem perfumes
Borboletas não o visitam
Meu jardim é frio
Sem cores
Sem vida
Os colibris se foram
De meu jardim arrancaram as rosas
Despetalaram as margaridas
Pisaram os cravos
Em meu jardim fincaram flores de chumbo.*

1

Só colhe memórias quem um dia viveu.

ANO DE 1948

As duas apontaram na esquina da estação da Luz [1]andando apressadamente, cada qual carregando uma mala. Ao ouvirem o apito do trem e avistarem a fumaça, Marta correu na frente e virava-se a todo o momento para incentivar sua avó Glorinha na corrida.

— Corre vó!

— Estou correndo! Não tenho 14 anos.

— Vem! Vem!

A mocinha continuava a incentivar.

Enquanto corria, o vento tirou-lhe o chapéu que foi parar a uns metros. Marta parou, já ia voltar para apanhá-lo.

— Não, Marta! Esqueça o chapéu.

Enfim chegaram a tempo. As duas jogaram-se no assento, esbaforidas. Marta se acomodou na janela ao lado da avó. A menina abriu a bagagem de mão e retirou seu caderno com capa de couro e sua caneta tinteiro, presente do pai.

— Daqui ao Rio de Janeiro teremos muito tempo. Me conta sua história.

Marta abriu o caderno e virou-se atenta para a avó.

— Calma! Mal consigo respirar. Você não cansa de ouvir essa história?

Glorinha perguntou já sabendo a resposta da neta.

— Lógico que não! Quero escrever cada detalhe.

O olhar curioso da menina e seu gosto pela escrita faziam-na recordar a Glorinha de décadas atrás e despertar a menina que ainda vivia em seu corpo de adulta.

— Está bem, vamos lá!

Luto a cada dia para despir-me do luto da morte de mim mesma.

NOIVADO

Era março de 1903, até então o dia estava parecido com todos os outros. Papai, o Sr. Ulisses já havia voltado de sua fazenda de café e trancou-se no escritório de nossa casa em Ipanema no [2] Rio de Janeiro, o lugar era mato para todo lado, mas tínhamos de ficar ali, ele conseguiu com o prefeito as obras de modernização da cidade. Com seus papéis aos montes, ele andava sempre inquieto e atarefado. De sua boca só saíam meias palavras, geralmente para brigar comigo, reclamar de algum empregado que fazia corpo mole ou das obras que o prefeito lhe dava. Vovô era um Português que veio ganhar a vida no Brasil e prosperou, deixando papai com muitas posses e contatos políticos.

Mamãe, que se chamava D. Eva estava sentada em nossa ampla sala, perdida em seus bordados como se aqueles fios bordassem sua própria vida. Tudo que papai falava para ela era lei, extremamente submissa fazia tudo que ele mandava sem questionar, morria de medo de fazer algo que não o agradasse. Parecia sempre triste, nunca falava do passado. Papai era vinte e três anos mais velho que minha mãe, quando se casaram mal se conheciam, ela era da família dos Almeida, os pais negociaram o casamento.

Na cozinha moendo grãos de café no pilão estava a Bá, era como todos a chamava, mas seu verdadeiro nome era Sebastiana, li seu nome verdadeiro em sua carta de alforria na gaveta da escrivaninha de papai. Ela nasceu na senzala de vovô, cresceu ajudando nos serviços da casa e se tornou a melhor das cozinheiras, fazia quitutes como ninguém. Depois de alforriada continuou em nossa casa por não ter família e nem para aonde ir após a abolição. Cuidou de mim a vida toda, foi minha ama de leite, [3]era ela quem arrancava meus dentes quando amoleciam e sempre fazia quindim quando papai ralhava comigo. Seu filho nasceu prematuro e morreu vinte dias depois. Ouvi em uma conversa de mamãe que foi depois de uma surra que levou do capataz que queria se deitar com ela. Era uma negra com o colo mais macio do mundo e se vestia sempre com roupas coloridas e turbantes de várias cores. Apesar de seu triste passado tinha sempre um sorriso no rosto e conselhos a me dar, era minha confidente e quem sempre me colocava na cama. Muitas das vezes achei que no coração da Bá eu substituí o seu filho que morreu e sempre me pareceu que mamãe sentia ciúmes da cumplicidade que havia entre nós duas.

Eu estava com uns coleguinhas, filhos de vizinhos brincando na rua em frente ao nosso portão. Aquela tarde tinha cheiro de terra molhada pela chuva que havia caído, o céu começava a limpar. Nessa época eu tinha meus nove anos e ainda usava duas tranças com laços de fita com a cor combinando sempre com o vestido. Como disse, parecia um dia normal, até chegar a nossa rua um tipo de charrete que raramente a gente via. Desceu um moço muito distinto, esbelto, com uma bengala de cabo em ouro velho com um brasão de família entalhado, vestia um terno preto e um chapéu. Ele perguntou onde morava os Feitosa, seu sotaque parecia o papai falando. Eu prontamente disse que era minha família e aponteí nossa casa. Ficamos todos muito curiosos tentando ouvir da varanda sobre o que conversavam.

—Glorinha, venha já aqui!

Papai chamou em seu alto tom.

— Senhor!

Entrei na sala e baixei a cabeça respeitosamente como de costume.

— Glorinha minha filha, tu estás noiva, vais casar com o Sr. Noronha.

Aquela era a primeira vez que eu via o Augusto, ele era filho único, herdeiro dos Noronha. Eu só pensava em brincar com bonecas e com meus coleguinhas daquele fim de mundo. Fiquei gelada.

— Não papai, não papai!

Coloquei as duas mãos no rosto e comecei a chorar.

— Glorinha vai casaaar! Glorinha vai casaaar!

Meus coleguinhas cantavam em coro do lado de fora.

Foi tudo acertado, o Augusto voltaria para Portugal e retornaria para se casar comigo aos 18 anos.

— Estamos a fazer o melhor para o seu futuro.

Disse meu pai. Mamãe coitada nem ousava contrariar, me vi só.

Transformaram-me em adulta daquela triste tarde para a noite. Acordei criança, adormeci mulher. Abri os olhos com um mundo de sonhos à frente, os fechei com o peso que me deram a carregar, uma bagagem que deveria ser levada por toda a vida.

A dor não cabia em mim, senti-me uma alma sem pouso.

E agora? Será que haveria jeito de escapar? Eram os pensamentos que martelavam minha cabeça.

Os soluços que saltavam do peito eram as dores que a alma libertava.

A BÁ E EU

Na noite da minha sentença, a Bá me levou para cama. Já havia alguns meses que não o fazia por ordenança de mamãe, ela dizia que eu já estava grandinha e que havia passado da hora de aprender a dormir sozinha.

— Minha fia querida, vim fazer companhia a vosmecê.

A Bá entrou, pegou minha boneca de pano com que eu dormia e colocou-a sobre meu peito para abraçá-la. Ela mesma havia feito para mim em sua máquina de costura. Foi presente de aniversário nos meus cinco anos. Uma boneca com enchimento de cabelo de milho, duas trancinhas pretas que ela dizia serem iguais as minhas, os olhos de botões e vestidinho azul florido feito com um pedaço de pano tirado da barra de sua saia. Ela foi minha companheira por muitos anos, acompanhou meus sonos, houve um período que em quase todas as noites a boneca ficava molhada por minhas lágrimas. Ainda a tenho comigo, está tão velhinha. Ela guarda muitas histórias, trás recordações de uma grande fatia de tempo e da minha querida Bá.

Bá colocou minha cabeça em seu colo macio e começou a fazer carinho. Ela tinha um suave cheiro de flores silvestres, uma essência aprendeu a fazer com sua gente. Aquele cheiro doce me acalmava, era um afago em minha alma. Às vezes ainda me pego de olhos fechados na tentativa de lembrar aquelas notas florais.

— Bá, eu não quero casar.

As palavras saíram engasgadas com choro.

— Sua Bá sabe, mas fica calma minha bonequinha, tudo vai se ajeitar.

Por mais difíceis que fossem as coisas, no colo da Bá o mundo parecia mais amigável. Ela acariciava minha costa para que eu relaxasse.

— Bá, se eu tivesse a pele da cor da sua, eu poderia ser sua filha. Deus bem que podia ter me deixado mais um pouquinho no forno.

Aquela mulher que não tinha o mesmo sangue me entendia mais que minha família, me confortava mesmo quando não tinha palavras, até mesmo o seu silêncio me acariciava.

— Ah minha fia! Nem deixa a D. Eva ouvir uma coisa dessas.

Ela apagou o lampião que ficava em cima de meu criado mudo. Naquela noite chorei baixinho até adormecer, soluçava enquanto a Bá cantarolava uma música bem baixinho. Quando estou triste ainda me pego cantando:

Chora! Chora pra dor derreter

Chora pra dor ir embora

Deixa o pranto correr

O amanhã já bate à porta

O que passou não importa

Escancare a porta e comece a viver.

Meu corpo escravo era a morada de meu espírito livre.

FILHA PRENDADA

Desde que fiquei noiva minha mãe começou a bordar meu enxoval e a preparar-me para ser boa esposa, era o que ela dizia todos os dias. Às tardes depois que eu chegava da escola tinha que aprender bordado e crochê com ela. Furei meu dedo tantas vezes que já não podia contar, quanto ao crochê, não conseguia sair do primeiro ponto, uma trancinha que sempre saía torta. Matriculou-me na aula de corte e costura da D. Herminda. Em seis meses eu não sabia dar nem uma bainha, a costureira disse que eu devia ter nascido com defeito. Os planos de esposa perfeita estavam indo por água a baixo.

— Glorinha, você será uma desonra para nossa família. Será vergonhoso darmos em casamento uma moça que não sabe nada sobre as obrigações de mulher.

— Mãe, eu não quero casar com aquele homem, eu quero escolher meu marido.

— Para de bobagem garota, vê seu pai e eu. Foram seus avós que escolheram. Essas modernidades, sei não...

— Você ama meu pai?

— Isso não importa Glorinha, o mais importante é manter tudo em ordem e evitar os escândalos. Não é fácil, temos que fechar os olhos pra muita coisa e nos fazer de desentendidas. Vê a filha de D. Leocádia, ela pegou o marido com a criada e fez o maior escândalo, o pobre a colocou pra fora a baixo de cassetada. Ela pediu pra apanhar, não pediu? Agora está por aí sem nada, nem é mais convidada para as festas.

— Coitada!

— Coitada?! Ela não soube se colocar em seu lugar de mulher, não respeitou o marido. Você não entende quando quero que seja uma moça prendada, que cuide bem dos seus filhos, do seu marido. Não quero a vergonha de ter filha mal falada, nem ouvir por aí que não soube te criar.

— Eu quero estudar e ser escritora, não gosto dessas coisas de casa.

— Escritora? Essa agora! Cê tá louca? Bateu a cabeça, foi? Tu andas cheia de nove horas. [4] Olha o que aconteceu com a Zuca, filha de D. Carolina. A garota cismou que queria estudar, o pai foi mole com ela, acabou aceitando a loucura da filha e pagou os estudos no exterior. A moça voltou com a cabeça virada cheia de caraminholas. Na festa da padroeira ela estava dizendo que mulher deveria ser dona de propriedade, veja só se tem cabimento uma coisa dessas. Depois rompeu com o filho dos Gonçalo, disse que só casaria por amor. O compromisso estava firmado desde que era moleca. A família agora não sabe o que fazer de tanta vergonha que tem passado. Você acha que algum homem vai querer casar com a doida? Todos já sabem que vai ficar pra titia.

— E se eu não me casasse?

—Tu só pode ter ensandecido de vez, garota! Seu pai te leva pra Sant’Anna, vai ter que virar freira. É isso que você quer?

— Claro que não, mamãe! Eu quero ser livre.

Nessa hora a feição de minha mãe mudou, ficou vermelha, pensei até que ela fosse me dar uns tapas. Quando percebi que a coisa estava ficando feia, resolvi ir para o quintal, onde eu tinha meu cantinho de leitura e escrita, ali podia viver outras vidas, ser quem eu quisesse. Encostava-me a uma grande árvore rodeada de florezinhas coloridas que chamam de onze horas. A cozinha era também um local da casa que eu adorava ficar. Lá me sentia acolhida, ouvia as histórias que Bá me contava enquanto mexia suas panelas. Até hoje não sei se as histórias realmente aconteceram ou se ela inventava para deixar minha pobre rica vida mais leve de se viver. Muitas vezes eu quis ser uma daquelas meninas ou moças de suas histórias.

Eu também gostava de ficar à beira da praia. A Ipanema daquela época não era como agora. Apesar de ter mosquito e muito mato, tinha também o pôr do sol mais lindo que já vi, mais alaranjado que uma laranja madura. Era lindo e me dava algum tipo de esperança, uma expectativa de que alguma coisa poderia ser bela em minha vida, como aquele pôr do sol da Ipanema de antigamente. Você vai adorar a praia, acho que não há nada mais encantador e misterioso. Graças a Deus não existe mais a lei para prender quem usa trajes curtos. [\[5\]](#)

Homens transformam peles em muros.

OS VIZINHOS

Passaram-se alguns anos. Eu estava sentada no portão em uma manhã de junho, lembrome da data porque foram dois dias depois do aniversário de mamãe, eu já estava com meus 14 anos. Chegou mudança na casa vizinha que estava desocupada há alguns meses. Pelos móveis parecia uma família mais simples. Havia um homem, um rapazinho mulato que aparentava ter pouco mais que minha idade e uma mulher negra. No dia seguinte fiquei sabendo que era uma família, pai, mãe e filho.

Ela era alta, o vestido à altura do tornozelo parecia de um pano simples, mas lhe caía muito bem, usava um chapéu que praticamente lhe cobria os cabelos curtos, fiquei encantada admirando sua beleza. Ela acenou para mim e deu um sorriso tão aberto que pude ver todos os dentes brancos como leite, ela esbanjava alegria, até então eu pensava que todas as mães tinham que ser sérias.

O homem era um jovem senhor, esguio, de aspecto gentil, bigode fininho, diferente dos homens da época que costumavam usar barba cheia. Sua vestimenta era um tanto exótica, no lugar do chapéu usava uma boina vermelha. Apesar de diferente, era bonito, a sua excentricidade atraía. Mais tarde soube que ele era francês, tinha um sotaque bonito que eu gostava de imitar.

Já o rapazinho eu não gostei muito, assim que me viu mostrou a língua, me fez a careta e virou o rosto.

No dia seguinte a mulher e o menino foram lá em casa para se apresentarem e levaram um bolo de cenoura com chocolate como cortesia. Ele parecia ter ido a contragosto, estava de braços cruzados e cara emburrada. Mamãe não queria aproximação, mas os recebeu em nossa sala.

— Boa tarde! Somos a família que veio morar na casa ao lado da de vocês. Resolvi vir para nos apresentar, afinal é importante ter bons vizinhos. Eu me chamo Matilde, esse aqui é meu filho Matias, meu esposo está no trabalho. Cumprimente os vizinhos, meu filho.

Todos nos apresentamos, minha mãe olhava para a pobre como se visse um bicho solto da coleira. Matias parecia um garoto implicante, cumprimentou a minha mãe que ainda mantinha a arrogância de esposa de fazendeiro dono de muitos escravos e a Bá, mas quando chegou minha vez, fingiu que ia apertar minha mão, quando estendi, ele retirou e me deixou com a mão estendida.

— Aceita um café?

Mamãe perguntou secamente examinando-a de alto a baixo.

— Não, não! Obrigada! Só vim mesmo para conhecê-los, estou muito atarefada desencaixotando a mudança, preciso voltar, mas em outra hora será um prazer.

Eles se despediram e eu fui para cozinha comer o bolo e esconder um pedaço para o café da manhã. Mamãe arrancou o bolo da minha mão, jogou tudo no lixo e repreendeu-me:

— Você endoideceu de vez, garota? Essa negra forra tem cara de mexer com aqueles feitiços que trouxeram daquela terra maldita deles. Amanhã de manhã você vai levar essa vasilha. Não quero coisa maldita desse povo dentro da minha casa, está me ouvindo?

Vi escorrer uma lágrima dos olhos de Bá, que virou de costas e enxugou no avental, ela chorava escondido toda vez que minha mãe humilhava seu povo. Na manhã seguinte após o desjejum, mamãe mandou que eu levasse o pote que D. Matilde trouxe com o bolo. Bá colocou um pouco de doce de mamão escondido de mamãe.

Chamei e ninguém atendeu, a porta estava entreaberta, então cheguei à varanda, ainda tinha algumas caixas no chão, uma delas aberta com alguns quadros de aquarela. Peguei um deles e fiquei perdida naquela paisagem magnífica.

— Gostou?

Olhei assustada. Era o chato do Matias em pé na porta.

— Desculpe! A caixa estava aberta, o quadro me chamou atenção e acabei pegando por curiosidade. É lindo! Eu sempre fico encantada com pinturas, aliás, obras de arte em geral. Até pedi a minha mãe pra me colocar em um curso de artes, mas ela disse que isso é bobagem, que preciso aprender coisas mais importantes.

— Essa paisagem é da Islândia, um dia ainda irei visitar.

Olhei e percebi que Matias tinha respingos de tinta nas mãos.

— Você pinta?

— Sim! Desde os meus sete anos, tenho vários quadros. Esse é o meu passatempo preferido, pretendo que seja profissão. Meu pai é que é um verdadeiro artista.

— Eu gosto de escrever.

— O que você escreve?

— Uns versinhos.

— Poetisa?

— Não, não! Não uso técnicas. Acho que estou mais pra encantadora de palavras.

— *Quero em teus lábios beber*

Os teus amores do céu,

Quero em teu seio morrer

No enlevo do seio teu!

Matias recitou quase como um sussurro. Perdeu aquele jeito de garoto implicante, adquiriu um ar sedutor ao declamar aqueles versos.

— Só vim trazer o pote da sua mãe e um doce de mamão que Bá fez.

Estendi as mãos pra que ele pegasse. Senti meu rosto queimar com aquele poema, mal conseguia levantar os olhos, apesar de ser habituada à leitura naquele momento parecia ser a primeira vez que ouvia aqueles versos.

— Esse poema é de Alvares de Azevedo. Você quer ver mais das minhas pinturas?

Ele mudou de assunto, acho que percebeu meu desconforto.

— Preciso ir.

Continuei com a mão estendida para entregar o pote.

— Não tenha medo, venha comigo.

Ele abriu a porta e fez um gesto para que eu entrasse. Entrei e o acompanhei até um cômodo com várias pinturas pelas paredes, outras ainda por terminar em cavaletes. A arte em todos os aspectos sempre me atraiu, então aquele convite foi impossível rejeitar.

— Esse é meu atelier, espero que goste.

Ele não parecia mais o menino chato dos dois dias anteriores, estava se mostrando muito gentil.

— Adorei! São realmente magníficos.

— Diz pra mim o que vê neles, poetisa.

— Esse aqui, eu sinto paz, parece que posso me banhar nessas águas e viver nessa casinha para o resto da vida. Nesse outro, me sinto impotente por não poder cuidar dessa menininha, o olhar dela parece me pedir colo. Já esse outro faz com que eu sinta raiva dessa sociedade injusta.

— Bravo! Muito bem, poetisa!

Matias aplaudiu e seus olhos brilharam.

— Você também sente isso que falei?

— Não! Eu vejo outras coisas, tenho outros sentimentos quando olho esses quadros.

— Então errei! Você aplaudiu só para que eu me sentisse bem.

— Nunca faria isso! A arte é definida por quem a observa e não pela intenção que teve o artista.

— Acho que é como na poesia. Elas adquirem vida própria na voz do outro.

— Exatamente isso, mocinha.

— Adorei seus quadros! Essas cores, esses traços... Sei que não entendo dessas coisas, mas meu olhar diz que é bom.

— Eu concordo com você e acho que não precisa ser um gênio em determinada coisa ou assunto para saber se é bom. Por ex. eu não entendo nada de cozinha, mas já meti o dedo nesse doce de mamão e achei uma delícia, melhor que todos que provei até hoje.

Nós rimos e concordando. O Matias conversando parecia ser bem mais velho, mais experiente, apesar de ter apenas seus dezesseis anos nessa época.

— Cadê sua mãe? Preciso agradecê-la.

— Minha mãe foi à casa do mascate [\[6\]](#) ver se ele tem um martelo pra vender, perdemos o nosso na mudança. Já deve estar voltando.

Quando soube que estávamos sozinhos, tive receio de que meus pais descobrissem, seria o inferno na terra.

— Preciso ir, obrigada por ter me mostrado seus quadros e pela conversa.

— Espere! Gostei de muito de conversar com você, geralmente as meninas são tão chatas, só falam em casamento, não conseguem conversar sobre outro assunto. Ontem dei careta pra te espantar e não começar com esses assuntos chatos.

Achei interessante a estratégia e até gostei, afinal eu também não gostava das caça-maridos.

— Tá desculpado! Até outro dia.

Acenei e fui saindo.

— Já que tem interesse em pinturas, posso te ensinar o que sei. Fazemos assim, eu te ensino a pintar e você me leva pra dentro de seu mundo das letras, ou melhor, como você disse, a encantar as palavras. O que acha? Pra mim parece uma troca interessante. Como ainda não fiz amigos nessa cidade, estou com tempo livre.

— Acho que é melhor não! Meus pais não iriam gostar. Tenho que aprender bordados, fazer aulas de costura e outras coisas, mas obrigada.

— “Tenho que aprender.” Nunca faz algo porque quer?

— Eu não tenho escolha.

— Você não “tem que” nada. Sempre há uma escolha.

Matias fez o gesto das aspas com os dedos no ar.

— A vida é uma só, Glorinha.

Eu já estava na rua quando o ouvi gritar. Essa frase me impulsionou para o resto da minha vida.

Pinceis e tintas desenham portas, pintam asas, abrem janelas aonde não há.

MISTURA DE CORES

Já tinha uma semana que eu havia estado na casa dos vizinhos. O grito do Matias continuava a ecoar em minha cabeça. “A vida é uma só, Glorinha.”

Contei pra Bá sobre o convite. A princípio ela ficou em silêncio, parecia pensativa.

—Vá!

Ela disse, parecia bastante convicta.

— E minha mãe? Se ela souber vai contar para o meu pai.

— Vosmecê sempre fica aqui na cozinha e ela nem procura. Caso ela indague eu invento quaisquer coisa, digo que vosmecê foi à venda. Se der errado, coloco uma toalha vermelha estendida na corda, vez em quando olhe cá.

— Obrigada, minha Bá querida!

Beijei-a e a abracei com força.

Naquela tarde bati na casa vizinha, D. Matilde me recebeu com o seu enorme sorriso.

— Entre Glorinha, o Matias está no atelier, vai gostar de te ver. Pode ir lá, ele me disse que talvez você viesse.

Cumprimentei-a e fui ao atelier do Matias, ele estava de costas pintando, e ouvindo uma suave música francesa no fonógrafo. [7] Não me viu chegar. Parei a seu lado, ele estava tão envolvido em sua pintura que nem percebeu minha presença. Fiquei um tempo me deliciando com aquela melodia antes de cumprimentá-lo. Em minha casa vivíamos no mais completo silêncio por causa das infinitas enxaquecas de minha mãe.

— Boa tarde, Matias! Resolvi aceitar seu convite.

— Olá, moça! Que prazer tê-la aqui.

O rosto dele se iluminou, pude ver o brilho em seus olhos.

— Eu trouxe meu caderno de poemas para que dê uma olhada. Nunca mostrei a ninguém, mas como fizemos um trato, aqui está ele.

— Sinto-me honrado em ser o primeiro a ler. Sei bem como é isso, aqui nessas páginas está parte de sua essência, será mais fácil enxergar sua alma em seus versos que nas palavras que saem de sua boca. Hoje mesmo vou ler com bastante atenção e tentar escrever algo. Na próxima vez que vier te mostro e você avalia.

— Não sei se saberei avaliar, mas acho que será bom ter alguém pra dividir os versos.

— O que é arte pra você, poetisa?

Eu nunca tinha parado para pensar sobre isso, então parei uns minutos para dar uma resposta.

— Pra mim é como se fosse um respirar, um respiro bem fundo. É uma maneira de significar sentimentos e sensações que não se pode explicar.

— Gostei dessa sua forma de enxergar. Eu tinha minha própria definição, mas agora posso acrescentar a sua. Eu vejo como um efeito social, político, uma forma de transgredir com grande potência, uma maneira de deixar nossa marca no mundo.

— Deixar a marca no mundo, é uma forma de ampliar nossa existência. Isso é incrível, se pensar que daqui a décadas isso que estamos fazendo agora será uma janela para o nosso tempo.

— Então que comecemos a abrir janelas! Vamos começar a pintar.

— Não entendo nada de pinturas, você vai precisar me ensinar desde o começo.

— Eu sei, por isso deixei separado esse caderno com guia de cores. Aqui fala sobre as cores primárias, secundárias, terciárias. Ensina a fazer as misturas. Tem algumas coisas bem interessantes, mas tem alguns truques que aí não ensina, vou te mostrar.

O Matias estava muito entusiasmado em me transmitir seus conhecimentos. Naquela tarde ele me ensinou várias técnicas de misturas, mostrou efeito de cores, tipos de pinceladas, diferença entre as telas e várias outras coisas pra me iniciar no mundo da pintura.

— Não imaginei que pudéssemos brincar tanto com as cores.

— Você não viu nada, poetisa. Amanhã você vai pintar seu primeiro quadro. Escolha algo que goste, um objeto, uma foto de um animal, traga uma flor, ou pinte algo abstrato que mostre o que está em sua alma.

— Já? Não sabia que pintaria tão cedo.

— Sim! Dessa forma você já vai começar a ver a técnica que mais gosta, qual caminho preferirá seguir, sem muitas influências, algo mais natural.

— Não sei se saberei fazer igual.

— Mas quem disse que é pra ser igual? Se reproduzir um pássaro, ela será apenas mais um pássaro. Pinte na tela o que os meus olhos não estão vendo. Isso sim é arte.

— Vou pensar em algo bonito pra pintar.

— Glorinha, a arte não precisa ser bonita, ela precisa ter algo a dizer.

— Talvez seja como poemas, a beleza pode estar na tristeza, na dor, na raiva, até em uma folha seca.

— Isso mesmo! Ou nem ter beleza, mas que diga alguma coisa, que gere algum sentimento, seja ele bom ou ruim. Talvez se eu te pintasse você não se reconheceria na tela, porque ali estaria a forma como eu te enxergo não o reflexo que você vê no espelho.

— Acho que estou entendendo. Da mesma forma que posso te escrever em versos com a leitura que minha alma faz e não meus olhos.

— Exato! Digamos então que a pintura é um poema na tela, ao invés de palavras, usa-se tinta. O pincel é minha arma, assim como a pena é a sua.

No dia seguinte eu pinteí uma borboleta borrada com a asa faltando um pedaço.

— Por que a borboleta está faltando um pedaço?

Fiquei muda por alguns segundos. Era como se ele me lesse. Matias me olhava de um jeito que dispensava palavras. A mente é o único chão que é só nosso, o solo da minha tinha as marcas de suas pegadas. Aquilo era assustador e sedutor ao mesmo tempo.

— Está bem, um dia você me conta.

— Não! Arte não se explica. Cada qual faz sua própria leitura. É um meio de comunicação que só as almas entendem.

— Sabe, tem razão. Você foi bem em sua primeira aquarela, seguiu sua intuição, ouviu a voz que vem de dentro.

Uffa! Havia conseguido me livrar de perguntas íntimas.

— Você se esqueceu de uma coisa, os versos que ficou de escrever.

— Não me esqueci, eu fiz. Falando nisso, li seus poemas, são bem intensos, pude ler sua alma neles. Gostei do que li.

Fiquei meio sem jeito, alguém ler meus versos era íntimo demais. Matias então abriu a gaveta de uma mesinha que ficava no canto do atelier, pegou uma folha e me entregou. Pude ler não só sua alma, mas sentir a dor de um povo.

*Ouçó o grito de dor da minha gente
Que regou com sangue esse chão
Nessa terra ainda arrastam correntes
Imposta por seus cidadãos
Grilhões que não são mais de ferro
Chicotadas de rejeição
Alforria de papel eu não quero
Grito por libertação.*

— Que lindo Matias! Senti arrepios.

Aquela passou a ser minha rotina. Matias e eu passávamos as tardes mergulhados em nosso mundo de cores e palavras, nossa amizade se fortalecia a cada dia. Sua casa tinha cheiro de alegria. A nossa escrita, pintura e toda conversa era uma troca tão intensa que um novo mundo se descortinou diante de meus olhos. Quando estávamos juntos o tempo parecia passar diferente. Em pouco tempo eu já não era mais a mesma.

Taças de cristal e pratos de porcelana não sabem alimentar a alma.

ALMOÇO DE DOMINGO

Em um de nossos almoços de domingo, papai, mamãe e eu estávamos à mesa. Nossas refeições costumavam ser silenciosas. Um ou outro assunto por vezes entrava em questão, mas logo o papo minguava e voltava ao som do tilintar de talheres, mas especificamente nesse domingo o assunto em pauta era eu.

— Precisamos decidir a lista de convidados para a festa dos quinze anos de Glorinha.

Mamãe puxou o assunto com os olhos voltados para o prato.

— Acho que pelo menos isso tu poderias fazer, já tenho muitas coisas na cabeça para estar a preocupar-me com quem vem ou não à festa.

Papai respondeu sem tirar o jornal da frente do rosto, normalmente era assim que ele sempre almoçava aos domingos.

A mesa voltou ao silêncio, nossos almoços davam-me agonia, eu gostava era das refeições no meio da semana porque eu sentava na cozinha, na maioria das vezes almoçava junto com a Bá ou ouvindo suas histórias enquanto ela preparava alguma receita, colocava a lenha no fogão ou fazia qualquer outro afazer. Ali era mais aconchegante, ríamos, brincávamos, sem aquele velório de mesa de domingo onde os cristais e porcelanas conversavam mais que nós. Por fim quebrei o silêncio.

— O dinheiro que será gasto na festa seria mais bem usado se pagasse meus estudos em Oxford.

Nesse momento parecia que eu havia cuspidido na imagem da Nossa Senhora. Mamãe me deu um chute por baixo da mesa, meu pai amassou o jornal com as duas mãos e falou com sua voz de trovão:

— Por acaso estais louca? Quer tornar-se sabichona? Perderias o noivo e não arrumarias mais marido. Não permitirei que nos tornemos motivo de chacota.

— Lamento não ser o filho que o senhor gostaria de ter tido. Perdoe-me por não te dar o orgulho de ter uma filha cujo único propósito na vida é fregar um homem.

Falei em tom de deboche e um tanto alterado. Percebi que eu estava mudando.

— Eva, essa rapariga sua filha está sem controle, estou a ponto de levar-lhe a mão na cara.

Levantei-me e saí da mesa. Levei castigo por sete dias, fiquei sem poder sair do quarto.

Nas semanas seguintes, minha mãe não falava em outra coisa, estava animada, falante. A preparação da festa a tirou daquela rotina de bordados e crochê que a meu ver a matava um pouco a cada dia. Nem a vi reclamar de suas habituais enxaquecas.

Passamos a sair bastante. Ir à costureira experimentar o vestido, escolher as flores, guardanapos, pratos, orquestra musical e tantas outras coisas que por várias vezes me fez perder as aulas de pintura com o Matias. Pela primeira vez pensei nele com saudade.

Comecei a notar que os dias sem ele pareciam faltar algo.

— Filha, você precisa escolher o rapaz para dançar a [8]valsa, caso seu noivo não possa vir. Eu estava pensando no filho dos Veloso, o que acha?

— Ah não, mãe! Ele só fala de si, o quanto é bonito o quanto é inteligente, o quanto é rico e blá blá blá. Nem deixa ninguém falar. Eu não suportaria.

— Então quem? Não consigo pensar em outra pessoa.

— O Matias.

— Quem é Matias?

— Não lembra mãe? É o filho dos novos vizinhos.

— Você quer matar seu pai e eu de desgosto garota? Já não basta ficar o tempo todo com essa crioula da cozinha, agora quer dançar valsa com um negrinho?

— Mãe! Ele é meu amigo.

— Ah! Minha filha! Por favor! Além do mais não estão à nossa altura. Viu o calçado que a mãe estava usando? O sapato estava com o solado fino e aquilo nem era couro. Qual é mesmo o nome dela?

Minha mãe falou com um ar tão esnobe que eu não estava acreditando que ela pudesse ser tão mesquinha.

— O nome dela é Matilde, D. Matilde. Posso chamar o Matias para ser meu par ou não? Acho que por ser a aniversariante eu deveria ter direito a opinar pelo menos em quem vai pisar em meu pé na valsa.

Meu tom saiu irritado, mas pudera, ouvir falar daquela maneira do meu amigo e de sua mãe que me tratava tão gentilmente me deixou irritada.

— Não vou nem te responder, Glória Almeida Feitosa. Você anda muito atrevida.

Resolvi me calar, percebi que aquela batalha eu não ganharia.

Naqueles suspiros havia mais confissões que um sacerdote poderia ouvir.

MEUS 15 ANOS

A casa e o jardim estavam lotados de gente da alta sociedade. Havia muitas mesas espalhadas. A todo o momento chegava alguma família e meu pai me apresentava com orgulho. Todos estavam vestidos em traje de gala como a formalidade do evento pedia. Os garçons serviam vinhos, champanhes e várias outras bebidas importadas, o cardápio foi muito bem escolhido por mamãe e algumas de suas amigas, mas eu queria mesmo era ir pra cozinha, fugir daquelas formalidades e beliscar nas panelas de Bá. Onde é que ela estaria a essas horas? Queria tanto que estivesse ali, quase na hora da festa ela disse que estava com dor de cabeça, mas eu tinha certeza que ela não perderia minha festa por esse motivo, só podia ser por falta de roupa ou por causa de alguma grosseria de mamãe. Como não pensei nisso antes? Pedi licença a meu pai e alguns convidados, disse que era coisa de mulher e subi para o meu quarto.

Lá estava! Em cima do meu guarda roupa vi a caixa com o vestido que minha avó havia ido ao casamento dos meus pais, eu guardei de recordação. Abri, estiquei sobre a cama para ver se havia alguma mancha do tempo, estava perfeito. Coloquei de volta na caixa e corri para o quarto da Bá. Ela estava deitada no escuro. Acendi algumas velas.

— O que vosmecê tá fazendo aqui menina? Vá já pra sua festa. Não vai ficar aqui pajeando uma véia como eu.

— Levanta logo dessa cama porque seu lugar é lá embaixo ao lado da sua menina.

Coloquei a caixa sobre a cama, abri e coloquei o vestido em sua frente. Seus olhos brilharam.

— O que é isso minha filha?

— É pra minha Bá ficar bem bonita e ver sua menina valsar.

Naquele momento ela chorou um choro entre sorrisos.

— Nada de choro! Se vista logo que a festa já começou.

O vestido coube perfeitamente. Fomos para o meu quarto. Arrumei seus cabelos em um coque, coloquei uma de minhas tiaras, um brinco e colar de pérolas, finalizei com uma leve maquiagem.

— Agora pode olhar.

Coloquei-a de frente ao espelho e segurei o castiçal à sua frente para que iluminasse melhor a silhueta.

— Minha Nossa Senhora! Vosmecê me transformou em uma dama distinta. Se eu passasse em frente a um espelho desejaria boa noite pensando que era outra pessoa.

A Bá não se continha de tanta felicidade, parecia criança dando voltas para que o vestido rodasse. Olhei para seus pés e estava calçada com um chinelo velho. Pedi que esperasse

uns minutos, corri no quarto de mamãe e peguei um de seus calçados.

— Experimente esse sapato, Bá.

Era um sapato de verniz preto com um pequeno saltinho. Ficou perfeito. Ela não se continha, parecia uma menina, não cabia em si de tanta alegria. Ficou batendo o saltinho no piso de madeira para ouvir o toc toc dos passos.

— Posso?

A Bá apontou para um dos meus frascos de perfume em minha penteadeira.

— Pegue, Bá!

Ela pegou um frasco de perfume vermelho rubi com borrifador e aspergiu em seu colo.

— Eu tinha o sonho de usar um desse, pensei que nunca ia usar.

— É seu, fique com ele de presente.

— Não, menina Glória! Isso deve de ser muito do caro.

— É seu! Não se fala mais nisso.

— Nunca pensei que um dia na minha vida fosse usar essas coisa tão bonita de gente rica.

— Vamos minha rainha?

Dei o braço a Bá e seguimos para o salão. Assim que aparecemos no alto da escada, todos os olhares se voltaram para nós. Era como se todos tivessem sido congelados, alguns mantiveram a boca aberta, toda a festa parou. Parece ter sido questão de segundos para mamãe chegar até nós. Segurou com força o antebraço de Bá e praticamente a arrastou até o quarto. Fui atrás.

— Eu ainda não estou acreditando no que estou vendo! Uma crioula pensando que é gente. Maldita hora que permiti que ficasse nessa casa. Isso que dá amolecer o coração pra esses negros. Quem te deu o direito de aparecer em meio aos meus convidados? Vocês nunca deveriam ter saído da senzala.

Minha mãe gritava. Até os convidados lá embaixo puderam ouvir. Arrancou o colar com força, as pérolas se espalharam pelo chão. Tirou a tiara e jogou sobre a cama. Bá só sabia chorar com as mãos no rosto. Eu a abracei com todas as minhas forças. Assistir àquela cena me partiu a alma.

Coloquei a Bá sentada na cama, fiquei de frente para minha mãe olhando firme em seus olhos e disse:

— Essa mulher passou toda a sua vida cuidando dessa casa. É a única aqui que me conhece de verdade. Passou noites cuidando de mim quando tive sarampo, catapora, todos os resfriados, me deu o peito quando era um bebê e colo a vida toda. Dormi ao som de sua voz durante toda a infância ouvindo suas canções e histórias. Quem a senhora acha que é minha mãe de verdade?

Pela primeira vez na vida levantei a voz para minha mãe e pela primeira vez também levei um tapa tão forte na cara que me fez cair sentada.

— Saia já daqui!

Ela gritou me expulsando do quarto. Desci com todos os olhos me acompanhando. Fui direto para o escritório e fiquei por lá esperando a poeira baixar para voltar à festa, aliás, para a festa deles.

— Desculpe a demora Glorinha, o seu presente só chegou hoje, o [9]caixeiro viajante errou o caminho e foi parar na cidade vizinha, por isso do atraso. Falou Noronha me estendendo as mãos.

O Noronha queria impressionar o sogro, não a mim. Eu era apenas uma coisa para ele se aproximar de meu pai. Peguei o presente e nem abri, coloquei-o junto aos outros.

Aproveitei que quase ninguém notava minha falta e fui chorar na praia. A lua estava cheia, seu reflexo fazia um caminho prateado nas águas. O fresco com cheiro de maresia e o barulho das ondas me acalmavam.

— Não chore. A vida é marcada por oportunidades, atitudes e escolhas.

Até hoje posso reconhecer aquela voz. Quase 36 anos se passaram e sei que reconheceria aquela voz perfeitamente hoje.

— Queria que você dançasse comigo, Matias.

— Não se preocupe, sei que não é culpa sua por eu não ter sido convidado.

— Minha mãe...

— Ei, calma Glorinha! Meus pais tiveram problemas com o preconceito, desde novo sei como são as coisas e as pessoas. Elas nunca aceitam as outras como realmente são.

— Minha mãe não entende.

— Esquece isso! Olha, trouxe uma coisa pra você.

Matias me deu uma caixa com um papel de presente lindo. Abri.

— Meu Deus! Matias, como você foi comprar um presente tão caro. Não deveria ter feito uma coisa dessas.

Era um jogo de pinceis e centenas de vidros de tinta de cores que não tínhamos por aqui. Olhei a etiqueta, era francês.

— Eu tinha umas economias no colchão, conversei com meus pais e eles concordaram.

— Não tenho como te agradecer um presente como esse.

Eu estava radiante, era tudo que qualquer pintor gostaria de ganhar. Ele me fez uma reverência e estendeu-me o braço tirando-me para uma dança. Nunca imaginei valsar na areia tendo o mar de testemunha. Seu corpo encostado ao meu, fez-me perceber que já não éramos apenas amigos. Tudo em mim naquele momento o desejava. Foi impossível impedir que nossas bocas se encontrassem. Era como se eu tivesse achado algo que não sabia que existia. Como se fôssemos extensão um do outro e aquele beijo fosse o laço que estava unindo as partes. O vento e o barulho das ondas pareciam orquestrar só para nós dois.

Perdemos o curso do tempo, até que um grito de Bá nos despertou.

— Minha Filha, o Sr. Ulisses está procurando vosmecê. Ele foi até meu quarto. Ele estava vindo pra cá, eu disse que tinha te visto no jardim, corre, corre! E você meu filho, suma já daqui. Da aqui essa caixa pra guardar.

Então tudo correu bem, pelo menos bem para eles. Estavam me procurando porque era a hora de me apresentarem à sociedade, valsar com meu pai e depois com o Augusto. Depois das formalidades e da valsa com meu pai, ele me entregou a Augusto que estava pronto como um cavalheiro da realeza. A dureza de seus passos, suas mãos segurando as minhas, não tive escolha, fechei meus olhos e imaginei Matias, ainda o sentia. Mesmo que sob as centenas de olhares, não conseguia deixar de ouvir sua voz, seu toque e seu beijo. Aquela sensação ficou pra sempre em minha memória. Naquela noite fui leve pra cama, ainda com o seu gosto na boca.

A vida machuca, a poesia alivia.

MINHA PRISÃO

Nos dias que se sucederam passamos a namorar, apenas a Bá e os pais de Matias sabiam. Eles quiseram ir lá em casa conversar com meu pai, mas eu até chorei pedindo que não, então perceberam que poderia ser um erro quando viram o pavor em meus olhos.

Namorávamos no atelier, sempre de porta aberta, a D. Matilde dizia que queria que eu fosse respeitada como se fosse sua filha.

Cada dia nos envolvíamos mais, até que um dia o Matias falou em casamento. Só nesse momento me dei conta da seriedade da situação. Com tantos acontecimentos tinha esquecido que havia ficado noiva.

— Matias, tenho uma coisa séria para te contar.

— Fala logo! Esse tom me deixa nervoso.

— Quando eu tinha nove anos, meu pai me prometeu em casamento pra um rapaz.

— Você está brincando, não está?

Matias estava pálido, com os olhos fixos em mim esperando resposta.

— Claro que não! Com uma coisa dessas acha que eu brincaria?

— Onde ele está?

— Ele veio para os meus quinze anos depois voltou pra Portugal. Ficou de voltar quando eu completar 18 anos.

— Você vai se casar com ele?

A pergunta de Matias entrava cortando como navalha na carne, doía, sangrava.

— Não! Claro que não!

— Então não tem o porquê de ficar com essa cara.

Dei um sorriso que precisou de forças pra sair. Tentei disfarçar a dor e o medo que eu sentia.

Olhei pela janela pra ver se estava tudo tranquilo na minha casa como sempre fazia e da janela vi a toalha vermelha estendida no varal.

— Matias, preciso ir! Alguma coisa aconteceu lá em casa. Bá me deixou um sinal, depois nos falamos.

Dei um beijinho rápido e saí correndo, meu pai me esperava no portão e viu quando saí da casa do Matias.

— Que raio se está a passar-se aqui? Já pra dentro! Há dias estou de olho em ti, Glória.

Meu pai estava com o rosto vermelho de raiva. Tirou o cinto e dobrou ao meio.

Apanhei tanto naquela tarde. Bá trouxe uma infusão de calêndulas, ela embebia uma trouxinha de pano e passava nos lanhos, doíam muito, mas a dor de saber que não poderia mais ver o Matias me perfurava as entranhas, rasgava a alma.

Passei a ser vigiada por minha mãe que tal qual Cérbero vigiava a porta do meu inferno. Já nem ao armazém me deixava ir, passei a ser prisioneira em minha própria casa.

Os meses seguintes seguiram assim, sem ver aquele rosto, sem ouvir a voz que me tirava o chão e também me estabilizava. Sentia-me como um amontoado de peças de quebra-cabeça que já não é mais possível montar por estar faltando peças.

A única coisa que me restou foram os poemas e as pinturas, aprendi com Matias que através deles eu poderia ser livre. Ele dizia, mesmo que consigam aprisionar a carne a arte liberta a mente.

Há rachaduras que aproximam.

O BURACO

Fazia tempos que Matias e eu não nos víamos, cada poro meu gritava, sentia cólicas fortíssimas, tinha algumas vertigens. Minha mãe dizia que era hora de casar, não sei se era isso mesmo ou se era a falta que ele me fazia.

Em uma manhã, não lembro ao certo o mês, sei que era verão. Fui ao fundo do quintal colher algumas verduras para Bá, ao me abaixar reparei que havia um buraco no muro, olhei e pude ver D. Matilde estendendo roupas.

— D. Matilde!

Chamei baixo para não chamar atenção. Ela olhou para todos os lados, como não viu ninguém voltou a estender suas roupas.

— Aqui D. Matilde, no muro.

Falei acenando com a mão pela fresta. Ela se aproximou.

— Oi minha querida, sinto tanto pelo ocorrido, o Matias anda desolado, perdeu peso, o pai dele e eu estamos bastante preocupados. E você Glorinha querida, como está?

D. Matilde era uma das pessoas mais amáveis que eu conhecia, sua beleza se estendia para o lado de fora, eu sentia saudades dela também. Ela nos entendia porque viveu algo parecido. Era uma ex escrava que se apaixonou por um artista. Ele foi deserdado pela família por decidir casar-se com uma negra.

— Estou bem, pode chamar o Matias?

Nem conversei muito com ela porque a urgência em vê-lo gritou mais alto.

D. Matilde largou a bacia e entrou apressada, não demorou muito para que Matias chegasse. Demos as mãos pelo buraco do muro.

— Glorinha meu anjo, você está bem? Estava tão preocupado contigo, outro dia quase parei sua mãe na rua pra perguntar sobre você, mas acabei desistindo, achei que poderia te prejudicar ainda mais.

O rosto de Matias irradiava alegria, senti uma vontade imensa de pular em seus braços.

— Fui proibida de sair ou falar com qualquer pessoa sem a presença de meu pai ou minha mãe. Estou me dedicando ainda mais a escrita e à pintura, mas elas ficaram mais tristes, parece que toda minha tensão é sugada pela tela e pelo papel. Que falta que você me faz!

Nossas mãos se acariciavam como se dissessem tudo o que estava entalado.

— Tenho tanta coisa para te dizer até ensaiei no espelho o que te diria quando te encontrasse, mas as palavras fugiram. O que estou sentindo nem sei explicar.

As palavras mal saiam, era como se formassem um bolo em sua garganta.

— Não precisa dizer nada, Matias. Existem sentimentos que não cabem palavras, esse

momento, por exemplo, acho que deveríamos inventar uma palavra pra ele porque no meu vocabulário não tem.

Estávamos ali tão envolvidos como se o mundo fosse só nosso, quando de repente senti uma mão em meu ombro, gelei.

Entre a cama macia e o feno, deito-me onde houver amor.

A CARTA

Acordei com a minha mãe em meu quarto, isso não era muito comum.

— Acorda Glorinha, se vista e desça.

Vesti-me e fui para sala de jantar ainda bastante sonolenta porque normalmente eu costumava ter mais uma hora e meia para dormir. Meus pais estavam sentados à mesa.

— Glória, esta carta chegou para ti, abra!

Meu pai falou em seu tom seco costumeiro estendendo-me a carta. Aproximei-me e como a borda do envelope era vermelha e azul soube logo que era de Portugal. Estremeci e suei frio naquele momento.

Abri, fiz a leitura e permaneci em silêncio. Aquela carta fez minha cabeça estourar de dor, meu rosto ficou quente.

— O que diz a carta?

Minha mãe estava ansiosa e parecia estar gostando de receber notícias de Augusto Noronha.

— Ele está chegando.

— Seu noivo está chegando e você está com essa cara? Ele não pode ser recebido assim.

“Seu noivo” essas palavras entraram como punhal.

— o Sr. Augusto disse se o enlace matrimonial será para já?

Meu pai perguntou, parecia que queria me jogar nos braços de Augusto o mais rápido possível.

— Sim.

A palavra quase não saiu e quando saiu trouxe uma lágrima.

— Engulas esse choro! Tu deverias chorar caso permitisse que casasses com aquele negrinho maldito que não tem onde cair morto. Maldita hora que não comprei essa casa ao nosso lado.

Meu pai bravejou.

Corri para o meu quarto, tranquei-o e não desci nem para o almoço. Quando era por volta de 1h da tarde a Bá bateu na porta.

— Abre aqui minha filha, trouxe seu almoço.

— Eu não quero Bá, estou sem fome.

Respondi entre soluços.

— Vosmecê vai ficar doente, abre.

Abri a porta e voltei para cama, ela entrou, colocou a bandeja sobre o criado mudo e sentou na cama colocando minha cabeça sobre seu colo como sempre fazia quando queria me consolar de alguma tristeza.

— Trouxe quindim pra alegrar minha menina.

— Obrigada, Bá! Depois eu como um pedaço.

— Hoje quando vosmecê for ao muro, vai contar ao Matias?

Todos os dias à tarde Matias e eu conversávamos pelo buraco que havia no muro com a cobertura de Bá, ela havia nos pego em flagrante no primeiro dia e havia ficado feliz por nós dois.

— Eu preciso contar, só não sei como vou conseguir. A vida não é justa.

Minhas palavras saíam soluçadas, doídas, embebedas de sofrimento. Eu não podia imaginar ser tocada por outro homem que não fosse o Matias, pensar que pudesse acordar ao lado de um estranho me causava náusea. Eu queria alguém que pudesse dividir não só a cama, o corpo, eu queria uma pessoa para dividir meus pensamentos mais íntimos, alguém que despisse minha alma antes de despir meu corpo e esse alguém só podia ser o Matias.

Alguma coisa precisava ser feita, e ali entre tantos pensamentos e soluços veio a ideia.

— Já sei!

— Sabe o que, minha filha?

Apertei as bochechas de Bá dei um beijão e desci correndo as escadas.

Corri para o fundo do quintal, mas como não estava no horário do nosso encontro no buraco do muro catei umas pedrinhas e comecei a jogar na janela do quarto de D. Matilde que dava para minha casa. Ao abrir, a pedra bateu em sua testa, ela levou à mão ao fino filete de sangue que escorria. Pedi mil desculpas e disse que precisava falar urgentemente com Matias. Logo ele apareceu com ar preocupado, sabia que algo havia acontecido pra eu agir tão insanamente.

— O que houve, Glorinha?

— O Augusto enviou-me uma carta, chegará semana que vem e vai marcar o casamento pra logo.

Despejei tudo de uma só vez sem tomar fôlego. Matias ficou estático, pareceu-me que até então ele não havia se dado conta da seriedade da situação. Não houve resposta, fiquei esperando alguma reação, mas ele permanecia em estado de choque.

— Matias!

Eu o chamei estalando os dedos para que ele saísse do transe.

— Eu entendi bem? Você vai se casar?

Sua voz saiu tremida e tão baixa que quase não pude ouvi-lo.

— Não! Eu não vou me casar eu tive uma ideia. Lembra-se daquela casa que sua tia Aurora tem lá para as bandas do Rio Preto. Está vazia, não está? Nós vamos fugir para lá.

— Você tem certeza que quer fazer isso? Sabe que vai ficar mal falada, não sabe? Eu queria tanto me casar direito com você, não me agrada nada a ideia de ouvir seu nome na boca desse povo.

— Eu já estou decidida, não tem outro jeito, só posso casar sem autorização dos meus pais aos vinte e um anos, não temos três anos para esperar. Deixa falarem! Essa gente sempre vai procurar alguém para destilar seus venenos, parece que isso os alivia de suas vidas medíocres.

— E se nos acharem e quiserem te trazer de volta?

— Ninguém vai me trazer de volta, eu estarei desonrada serei uma vergonha para minha família, o mais certo é que queiram esquecer que um dia tiveram uma filha e provavelmente me deserdem.

— Eu odeio a ideia de ver você passar por isso, mas não estou conseguindo pensar em outra solução.

— Então concorda?

— Claro! Tenho alguma reserva de dinheiro das vendas de meus quadros.

— Eu tenho uma poupança que herdei de minha avó, mas só poderei mexer aos 21 anos, tenho também algumas joias. Quando chegarmos lá a gente vende, se fizermos isso por aqui podemos chamar atenção.

— Quando iremos?

— Na quinta-feira, Augusto chegará na sexta.

— Não acho prudente continuarmos nos encontrando aqui, caso alguém nos veja estaremos perdidos.

— Concordo! Melhor não nos vermos mais até lá. Vamos sair no primeiro trem.

Eu estava animada com o plano, só em pensar em dividir minha vida com o Matias me enchia com uma alegria que há tempos não sentia.

— Hoje mesmo vou comprar as passagens, deixarei um bilhete aqui confirmando o horário. Encontro você quinta-feira lá na estação. Mas antes preciso de um beijo seu.

Quando vi, mal pude acreditar, Matias estava pulando o muro.

— Não faz isso! Alguém pode nos ver.

Eu tremia feito bambu. Ele pegou minha mão e corremos para uma dispensa que havia nos fundos do quintal. Trancamos a porta e naquele dia o mundo foi só nosso.

Ensinarão-nos a beber nossos próprios gritos.

NECESSIDADES DE HOMEM

A semana passou arrastada, a quinta-feira demorava a chegar, o tempo parecia que havia desacelerado, eu não me continha de felicidade.

Minha mãe estava agitada com os preparativos para o casamento, ela queria que tudo fosse perfeito. Naquela semana tive que ir várias vezes à costureira fazer prova do vestido, experimentar bolos, doces, escolher flores e tantas outras coisas.

— Você parece animada, eu jurava que estaria chorosa por esses dias, pensei que iria se negar a participar dos preparativos da festa.

— Eu estive pensando, o Augusto é de boa família nunca irá me faltar nada, é um homem bonito, inteligente, provavelmente irá me dar filhos saudáveis. Acho que vocês acertaram na escolha.

— Você já esqueceu o filho da vizinha?

— Ele não tem nada a ver comigo, foi apenas um encantamento, aquela família não tem a nossa classe.

Só em ouvir o som da minha voz ao dizer essas palavras fiquei irritada, mas foi por uma boa causa, eu não podia levantar suspeitas.

Continuamos os preparativos, minha mãe não tirava os olhos de sobre mim, parecia minha sombra.

— Minha filha, eu preciso ter uma conversa com você.

Sentei a seu lado e fiquei esperando. Ela parou de tricotar e ficou com os olhos parados em um enorme relógio, todo trabalhado em madeira que havia sido herdado de seus avós. Ele ficava em pé ornamentando o canto da sala. Seus olhos acompanhavam o pêndulo como se estivesse em uma espécie de transe. Parecia mergulhada no passado ou em dores profundas.

— Diga, mãe!

Depois de um tempo rompi o silêncio palpável que havia ficado no ar.

— Quero te contar como nascem os bebês.

Minha mãe estava corada, não levantava os olhos.

— Sim mãe, pode dizer.

Eu já sabia, mas deixei que ela falasse, não queria ser alvo de perguntas e desconfianças.

— Bem, depois de casada seu marido será seu [\[10\]](#) dono, ele tem necessidades que nós não temos.

Ela parecia sem coragem para falar sobre sexo. Senti pena quando ela disse que os homens têm necessidades que nós mulheres não temos. Como assim não temos? Eu estremecia quando Matias me tocava.

— Hum, estou ouvindo.

— Depois da festa começará o tormento, quando vocês ficarem a sós no quarto ele vai fazer coisas que serão horríveis, doem, mas é assim mesmo, minha filha. Nós mulheres temos nossa sina. Você fica quieta feche os olhos e deixe-o fazer as coisas de homem.

Meu Deus! Senti ainda mais pena da minha mãe, até a maneira como falava era dolorida. E pensar que há tantas mulheres nessa situação ainda parte o meu coração. Queria que fosse hoje para dizer a ela que poderia haver carinho, ter prazer, mas naquele tempo eu não tinha a vivência que tenho hoje. Na verdade minhas palavras não mudariam em nada, aquilo já era um [\[11\]](#)conceito estabelecido na época e quem era eu pra mudar, ainda acabaria sendo mal interpretada.

— Sim, mamãe! Entendo.

Essas foram minhas únicas palavras.

Na manhã seguinte eu precisava estar na estação, então fui para o quarto mais cedo para terminar de arrumar minhas coisas, não via a hora de estar longe dali.

Olhei a estação à procura do passado para o último aceno.

NA ESTAÇÃO

Mal dormi naquela noite com medo de perder a hora, não podia pedir a Bá para me acordar porque ela poderia dar alguma bandeira, além de correr o risco de sobrar para ela depois. Eu precisava estar às 5h30 na estação, levantei às 4h, me vesti rapidamente, deixei uma carta sobre o criado mudo e desci pé ante pé pela casa ainda escura. Na saída minha mala esbarrou em um porta-retratos que espatifou-se no chão, fiquei apavorada, mas ninguém apareceu. Continuei meu caminho até a estação. Cheguei às 05h27, de longe avistei Matias que andava de um lado para o outro demonstrando total nervosismo.

— Glorinha do céu! Você quer me matar do coração, já se passaram mil coisas na minha cabeça, o trem sai em três minutos.

Pude perceber que suas mãos tremiam e ele estava molhado de suor mesmo com o frio de julho.

— Desculpe querido! Fique calmo, em breve estaremos longe daqui.

Matias pegou minhas malas e entramos no trem à procura de nosso lugar, nós íamos de segunda classe, no momento tínhamos que economizar o máximo possível.

— Eu trouxe as joias que eram de minha avó, temos que procurar por lá um lugar que pague um preço aceitável senão vamos perder dinheiro.

Eu estava com as joias em uma bolsa de mão, não deixei no compartimento de bagagem com receio de fosse extraviada.

— Só iremos vendê-las caso haja uma emergência.

— Eu preciso ajudar de alguma forma, não quero ser um peso.

— Minha querida Glorinha, você nunca será peso para mim, ainda não entendeu que te amo?

Matias beijou minha mão carinhosamente olhando em meus olhos. Ele conseguia me transmitir segurança mesmo em momentos de caos.

Pontualmente às 5h30m o trem apitou, se moveu não mais que cinco metros e parou. Aquilo me deu uma angústia, um aperto no peito. Olhei pela janela e vi a cavalaria policial.

Ao apontar a sujeira do outro camuflam suas próprias imundícies.

PEGA LADRÃO

Houve um grande burburinho no trem, os policiais invadiram como quem procurava um criminoso. Fiquei nervosa.

— Calma Glorinha! Não há de ser nada.

Matias segurou minha mão tentando me acalmar, mas eu podia perceber que ele também estava nervoso com a situação.

Tentei relaxar o que era impossível naquele momento. Quando de repente vejo meu pai de pé no corredor ao nosso lado nos olhando.

— É esse negro aqui!

Falou apontando para Matias. Sua expressão era de ódio, nem quando ele me pegou voltando da casa vizinha tinha um semblante tão aterrorizante. Os policiais de imediato se aproximaram e algemaram-no.

— Não! Ele não fez nada.

Eu gritei tentando me colocar entre eles, mas levei um empurrão do meu pai e caí sentada de volta no assento.

— Podem levá-lo por rapto de menor e roubo.

— Rapto? Que rapto? Eu vim por vontade própria. Que roubo?

Eu continuava a gritar e até então eu não sabia de que roubo ele falava. Meu pai acusou-me de roubo para eu não ser tida como prostituta.[\[12\]](#)

— Roubo de joias.

— Não foi ele, eu que peguei. As joias são minhas, herança de minha avó.

— Não até completar maioridade, só terá direito aos 21 anos de idade. Podem levá-lo!

Nesse momento os policiais levaram Matias arrastado como criminoso.

Algumas pessoas riam, outras se mostravam espantadas levando a mão à boca, vi algumas senhoras fazerem o sinal da cruz. Um Bando de desalmados que se satisfaziam em ver a nossa desgraça, julgavam e tinham prazer em condenar como se isso os fizesse melhor. Porcos desgraçados não conseguiam enxergar sua própria lama.

Os lanhos na carne cicatrizam, as feridas na alma podem durar toda uma vida.

PIOR QUE SURRA

Entrei em casa sendo puxada pelo braço pelas fortes mãos do meu pai. Ele puxou o cinto, dobrou e quando levantou o braço para me bater minha mãe segurou.

— Não, Ulisses! O casamento está próximo, ela não pode entrar na igreja todo marcada, já pensou o que as pessoas diriam? Vai fermentar ainda mais os boatos.

Minha mãe interveio não em minha defesa, mas a favor de manter a família fora de escândalos. Lentamente ele baixou o braço como quem analisava as palavras dela.

— Alguma coisa deve ser feita, essa sua filha não pode ficar sem corretivo.

Como se meu grande amor preso e estar prestes a casar com um estranho não fossem castigos suficientes para toda uma vida.

— Tire a pintura, e esse caderno de bobagens que é o que ela mais gosta de fazer.

Minha mãe sugeriu. Ela soube direitinho como me ferir, eu preferia mil vezes as dores do cinto me lanhando a pele.

Imediatamente ele subiu e lá de baixo eu podia ouvir o barulho dos meus adorados quadros sendo quebrados. A cada barulho de quadro quebrado uma rachadura era aberta aqui dentro.

Subi para ver o estrago, não sobrou nenhum dos quadros e os pinceis importados que Matias havia me dado de presente nos meus 15 anos estavam todos partidos. Não me contive, naquele dia desacreditei da raça humana e cheguei a duvidar do próprio Deus, não era possível que Ele não estivesse vendo toda aquela injustiça, o ódio vencendo o amor, o bem sendo pisado pelo mal.

Fiquei deitada ali mesmo no chão do quarto, acariciando uma de minhas telas rasgadas e com as lágrimas a escorrerem silenciosas. Senti uma mão a acariciar meus cabelos, era a Bá, a única que me entendia, que se importava com o que eu sentia, a única criatura daquela casa que não me condenava.

—Toma aqui! Bebe um pouco de água com açúcar, há de se sentir melhor. A gente colhe o que planta minha menina, essa maldade há de ser vista por nosso Senhor.

Sentei-me, peguei o copo de sua mão e bebi. Aquilo era mais do que água com açúcar, ela estava me dando a beber de seu amor. Naquele momento mais que em todos os outros desejei ter nascido de seu ventre. Quem sabe até morar em uma casinha numa vila qualquer aonde eu pudesse ser eu mesma.

— Bá, como eles descobriram?

— Hoje cedo ouvi a D. Eva dizer que ontem ligaram da estação. Seu pai deixou o Sr.João, o bilheteiro de avisado de que se o Matias ou você comprasse passagem que era pra avisar que receberia uma recompensa.

— Que velho desgraçado! Fofoqueiro. Tá vendo Bá, se a senhora não tivesse medo de falar no telefone, poderia ter atendido e agora eu não passaria por isso.

— Ah minha filha! Isso parece coisa do Demo. Nunca vou entender como esse negócio trás a voz da pessoa que tá tão longe. Não coloco a mão nisso não.

— Ah Bá! Só a senhora mesmo.

Esse foi o único momento do dia que consegui dar um sorriso, mesmo que entre lágrimas.

Poder, chaga que não cicatriza.

SEU CORPO POR LIBERDADE

Ainda naquele dia, D. Matilde estava na delegacia aguardando para falar com o delegado Dr. Xavier. Enquanto esperava viu dois homens serem trazidos por terem roubado uma saca de feijão em uma fazenda ali perto, alegavam que haviam roubado para que a família pudesse comer. A fazenda onde fizeram o roubo foi onde nasceram [13]escravos. O escrivão perguntou suas idades, tinham 52 e 55 anos, tinham seus rostos sofridos, as peles marcadas, aparentavam ter bem mais idade. Os dois eram só pele e osso.

O fim da escravidão não ficou impune para os negros, trouxe desemprego, falta de moradia e muita fome. D. Matilde se apiedou dos dois miseráveis. Roubar para comer e ir parar em um local daquele era lastimável. A mulher acrescentou a dor dos dois homens à sua. Foram duas horas de espera. O local fedia a urina e vez ou outra via passar ratos. A umidade e falta de luz favorecia o aumento da população da praga.

— Bom dia, Dr. Xavier!

Enfim o delegado chegou.

— Bom dia, Sr.^a Matilde! Eu já soube do caso do seu filho. A coisa não é nada boa.

O delegado era um senhor bigodudo, gordo, parecia estar sempre mal humorado, ficou assim desde que a mulher o deixou e fugiu com o trapezista de um circo que passou pela cidade.

— Meu menino não fez nada, ele é inocente.

— É o que todos que chegam aqui dizem, na prisão nunca temos culpados, são todos inocentes.

Ele falou com ar de deboche aumentando ainda mais seu ar asqueroso.

— Rapto de menor e roubo, seu filhinho cometeu atos graves.

O delegado falou e deu um risinho debochado.

— Qual a possibilidade de conseguir a soltura dele, delegado?

D. Matilde estava muito aflita.

— Onde anda seu marido? Ou a senhora não tem um?

Falou colocando os pés com suas botas imundas sobre a mesa e olhando-a com cobiça de baixo para cima.

— Não entendi a relevância da pergunta, delegado.

— A senhora precisa me convencer de que eu deva soltar seu filho.

Ele disse essas palavras com a cara mais descarada como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.

— Posso ver meu filho?

— Não! Hoje não é dia de visitas, volte no domingo, já que a senhora não pretende colaborar.

Era impossível imaginar um ser mais desprezível que aquele.

— Pense bem! A senhora pode soltar seu filho, não seria tão difícil para uma negrinha.

O delegado passou o dedo entre os seios de D. Matilde e levou à boca. Ele ria com um ar de quem mandava na situação. Ela virou as costas e saiu sem olhar para trás. As lágrimas rolaram, mas a humilhação permaneceu na mente.

Meu corpo ancorado ao porto desejou segurar-se ao vento.

IDA AO PORTO

Acordei com a Bá no quarto abrindo as cortinas, minha cabeça estourava de dor, mal tinha dormido.

— Feche a cortina Bá, minha cabeça está doendo demais.

— D. Eva pediu pra acordar vosmecê, o Sr. Augusto chega hoje, ela e Dotô Ulisses vão buscar ele e disseram que a menina vai também.

— Era só o que me faltava, quando penso que já sofri de tudo a coisa consegue piorar.

— Não demora Glorinha, o Dotô Ulisses já tá de mal humor.

— E quando ele não está Bá? Quando é que ele não está?

Falei e repeti já me levantando e me metendo em um vestido. Ajeitei os cabelos e descii.

— Aonde a senhorita pensa que vai desse jeito?

Minha mãe falou quando me viu aparecer no alto da escada.

— Desse jeito como?

— Você está horrível, não se arrumou, não colocou uma cor nessas bochechas, colocou esse vestido velho que eu já disse pra jogar fora. É a primeira vez que seu noivo vai te ver depois de adulta. Você não vai aparecer assim. Ah! Não vai mesmo!

Minha mãe parecia irritada.

— Ele tem que me conhecer do jeito que sou não quero ficar me emperiquitando.

— Glória Almeida Feitosa, volta agora para o seu quarto e se arrume, não vou repetir e não se demore.

Ela não estava pra brincadeira, a chegada de Augusto havia mexido com os nervos de minha mãe.

Voltei para o quarto, com a ajuda da Bá coloquei um espartilho, um vestido rosa que minha mãe gostava, soltei algumas mechas de cabelos que estavam presos em um coque, passei um pouco de rouge nas maçãs do rosto e coloquei um chapéu de passeio.

— Pronto! Assim estou bem pra venda?

Falei em tom debochado descendo as escadas.

— Só não meto a mão na tua cara porque o Augusto Noronha está a esperar-nos.

Meu pai falou já dando as costas pra sair, entramos no carro e fomos para o porto.

O Navio atrasou trinta minutos, meus pais já não se aguentavam de ansiedade. Por fim, atracou. Ficamos a aguardar no porto. Todos desciam do navio, mas nada do Augusto. Eu já estava ficando com alguma esperança quando um homem alto, cabelos pretos com

alguns fios branco e barba farta apareceu na rampa do navio. Estava muito bem vestido usando um terno azul marinho. Veio aproximando-se de nós.

— Bom dia! É um imenso prazer revê-los.

Augusto Noronha cumprimentou-nos retirando o chapéu e fazendo uma reverência.

— Bom dia, Sr. Augusto! Fizeste boa viagem?

Meu pai foi tão cordial, quase esboçou um sorriso, isso era uma raridade.

— Sim! Sim, na medida do possível. Viagens distantes assim são sempre bastante cansativas por mais conforto que venhamos a ter.

— O Senhor será muito bem vindo a nossa casa.

Mamãe falou animada empurrando-me discretamente para cumprimentá-lo.

— Pois agradeço, mas não sei se seria de bom tom abrigar-me debaixo do mesmo teto de minha noiva.

— Podes ter razão Sr. Augusto, é bom fugirmos da má aparência, minha filha Glória é moça de família.

Meu pai falou como se evitar as más línguas fosse à coisa mais importante do mundo, aquela conversa já estava me causando náusea.

— Como tem passado, Glória? Tu estás muito formosa, minha noiva.

Augusto beijou-me a mão demonstrando gentileza, talvez apenas por bons costumes.

— Bem.

Foi a única palavra que falei. Meus pais me olharam em reprovação.

— Isso é apenas timidez, após as duas semanas que o senhor fizer-lhe a corte a nossa Glorinha estará mais falante.

Meu pai tentou justificar-me diante de Augusto.

Fomos para nossa casa, o Augusto era o convidado de honra. Pela primeira vez vi um almoço animado em nossa casa, a única que permanecia em silêncio era eu. Foi falado de tudo um pouco, dos negócios, da viagem, da vida em Portugal, política, enfim, de tudo um pouco.

— Como anda o movimento das Sufragistas na Europa, meu caro Sr. Augusto? [\[14\]](#) Estive a ler que elas apanham, são presas, mas continuam a insistir nessa insanidade.

— Em nossa terra o movimento foi impedido pelo regime republicano, contudo no restante da Europa anda a fortalecer-se. Juntaram-se ao movimento operário. Onde já se viu mulher ter direito a voto?!

— As mulheres já são muito bem representadas por seus pais, irmãos e maridos. Não deviam estar a querer envolver-se em questões que não são para elas. Concorde querida?

Meu pai virou-se e dirigiu a pergunta a minha mãe.

— Sim! Claro!

Ela respondeu sorrindo. Não sei se eu era a louca, ou a única sensata ali naquela mesa. Acho que só eu enxergava a tristeza estampada em seu sorriso.

— O meu sogro que é um homem feliz. Tens uma esposa sensata.

— Pois tens razão, fui abençoado. Estou a esperar que essa moda não chegue a cá. Seria uma desgraça para o desenvolvimento.

— Não só o desenvolvimento. Uma vez concedido o voto, será impossível pará-las.

— Ora, pois!

— Caso venhamos a ceder, irão querer participar até mesmo do parlamento. Meu sogro já imaginou uma mulher juíza, ou ministra? Será a perda da estrutura social.

— Tens razão Sr. Augusto. Será constrangedor para um homem chegar a seu lar e não ser recebido por sua esposa, elas hão de sentir-se nos mesmos direitos que nós.

— Pensa, uma mulher a tirar a vaga de um homem. É inconcebível! Mas, deixemos um pouco de falar dessas coisas, vamos a algo mais importante.

Augusto enfiou a mão no bolso e tirou um anel.

— Gostaria de agora oficializar nosso noivado. Sr. Ulisses Feitosa, o senhor me concede a mão de sua filha?

Ele segurou minha mão e olhou para o meu pai para fazer o pedido.

— Com muito gosto, Sr. Augusto.

Meu pai respondeu cheio de formalidades. O Augusto então colocou o anel em meu dedo. Eu nem consegui olhar, virei o rosto.

— Com a autorização dos senhores gostaria de vir visitá-los nos fins de tarde para fazer a corte à minha noiva.

— Será um prazer recebê-lo.[\[15\]](#)

Meu pai respondeu-lhe e minha mãe fez que sim com a cabeça e um meio sorriso.

— Minha noiva está tão calada. Dê sua opinião, minha querida!

— Opinião? Eu? Eu nunca tive direito a dizer o que penso. Não tenho nem direito a voto. Ninguém me perguntou o que acho de me casar com um homem que não conheço. Aceitar foi a única opção que me deram. Quer mesmo que fale agora? Você sabia que amo outro? Sabe que está preso injustamente só para me impedir de fugir com ele?

Eu fiquei de pé e falei essas coisas olhando nos olhos de Augusto e com os dois punhos sobre a mesa. Foi um transbordamento de tudo que estava me sufocando. Percebi então que eu estava me transformando em uma mulher mais forte.

Meu pai parecia que ia explodir a qualquer momento, seu rosto ficou da cor de um morango prestes a apodrecer, minha mãe começou a se abanar e colocou a mão no coração como se fosse enfartar a qualquer momento, já o Augusto permaneceu frio, ainda esboçou um sorriso.

— Glória, suba agora!

Meu pai falou em um tom firme, mas não chegou a gritar, a presença da visita o fez engolir seu destempero.

— Com licença.

Fiz um gesto de cabeça em um cumprimento formal e retirei-me da mesa.

— Não se preocupem, são os arroubos da juventude, com o tempo há de passar, uns corretivos hão de acertar as arestas da menina. Ela é como uma potranca chucra, precisa ser domada por um marido de pulso firme.

Augusto permaneceu frio, aquela atitude me fez ficar mais intrigada ainda. Quem em uma situação daquela ficaria tão calmo? Quem ao ouvir que a noiva ama outro permaneceria com o mesmo semblante sem expressar reação?

Faltavam quase dois meses para o casamento, fui para o meu quarto pensar em uma maneira de trilhar meu próprio caminho, ser senhora de minha própria história, mas nada vinha à cabeça.

Será que existia destino e aquele era o meu? Eu queria estar ao lado de Matias, ao seu lado a liberdade me prendia sem correntes. Eu estava cansada, minhas asas já não suportavam tanto peso.

Espinhos são mais verdadeiros que as próprias rosas.

A CORTE

No dia seguinte, no fim da tarde, Augusto chegou para fazer-me a corte, como era costume trouxe rosas brancas para mim e minha mãe. Coloquei as minhas sobre o aparador. Minha mãe reprovou-me com o olhar e colocou-as em um vaso com água.

Essa passou a ser nossa rotina durante o tempo que faltava para o casamento. Ele chegava com as rosas brancas com o passar dos dias ia subindo de cor, brancas, rosas, amarelas até chegar na vermelha à véspera do casamento simbolizando o amor ardente, como se isso fosse possível entre nós. Sentávamos em sofás separados e de vez em quando minha mãe ou meu pai aparecia para manter minha pureza. Eu tinha nojo de olhar para a cara dele, muito menos deixar que me tocasse. Quanto a isso eles podiam ficar despreocupados. As nossas conversas eram sempre monossilábicas de minha parte.

—Tu tens aprendido a ser boa dona de casa com sua mãe?

Augusto me perguntou em uma de suas visitas.

— Não! Eu quero é trabalhar, ser escritora.

Respondi secamente.

—Nunca receberias autorização de minha parte para uma sandice dessas. [\[16\]](#)Sabes que a mulher nasceu para ser mãe e cuidar do lar, não sabes?

— É o que dizem. Já eu não quero ser mãe.

Augusto arregalou os olhos como se estivesse ouvindo a maior das heresias.

— Percebes a loucura do que estás a dizer?

—Loucura é ter um filho que pense que é superior apenas por ter nascido homem ou trazer ao mundo uma mulher para sofrer simplesmente por ter nascido mulher.

Augusto ficou vermelho, levantou-se, fechou os punhos e depois se sentou novamente. Nesse momento tive a sensação de que ele queria me bater, mas então seu semblante serenou e ele até esboçou um sorriso. Aquilo me causou arrepios.

Depois dessa conversa, nos próximos dias voltei às respostas monossilábicas.

Nem todas as flores disfarçam o cheiro de almas apodrecidas.

CASAMENTO

Chegou o dia do meu funeral, a data do casamento, vi o dia clarear, meu rosto estava inchado, os olhos vermelhos, mas não havia uma gota de lágrima, eu já havia derramado todas.

Matias continuava preso, tentei sair para ir ao muro mandar um bilhete por D. Matilde, mas não consegui, estava sob total vigilância. Meu pai disse que Matias pegaria muitos anos de cadeia.

Do meu quarto eu já podia ouvir o barulho da organização para a festa. A casa estava repleta de pessoas trabalhando e eu ali em minha prisão sem grades com uma dor no peito. Já havia perdido as forças, não tinha qualquer esperança.

Sentia-me esmagada e lançada ao monturo após retirarem o caldo. Ouvi o barulho da porta abrir, mas nem olhei para ver quem era.

— Você não vai descer? Não pode passar o dia na cama, a festa é sua.

— A festa é minha? Mãe, eu não quero lhe faltar com respeito. A festa pode ser para qualquer pessoa, menos para mim. Não percebe que estou de luto? Estou morrendo por dentro.

— O quarto de hóspedes já está arrumado para vocês, vá lá ver se está de seu agrado.

Fingi que não ouvi, nem queria imaginar que ainda naquela noite dormiria lá com Augusto, aliás, não só naquela noite, mas por mais ou menos um mês, enquanto se resolvia a documentação de compra da casa que ficava na rua de trás. Aquele quarto seria meu calabouço.

Virei para o lado tentando não pensar. De vez em quando a Bá vinha ver como eu estava e oferecer algo para comer, mas nada passava em minha garganta.

As 15h vieram duas moças que mamãe havia contratado para me arrumar. Eu parecia uma estátua, estática, não emitia som. Elas mexiam em meus cabelos, maquiavam meu rosto como se estivessem arrumando uma boneca de cera, sem vida.

Já pronta, uma delas arrastou o espelho para que eu olhasse, virei o rosto, não suportaria me ver vestida de noiva para me casar com alguém que não fosse Matias.

A Bá disse que não ia, não suportaria ver sua menina passar por um sofrimento desses, eu até gostaria que ela estivesse lá para pelo menos ver um rosto amigo, mas preferi poupar-lhe o sofrimento.

Desci as escadas, meus pais já estavam à espera, em silêncio entrei na charrete sem olhar para os dois.

Cheguei à porta da igreja e fiquei parada, aquele lugar deveria ser um local de paz, mas para mim naquele momento era símbolo de tormento, de morte. Entrei sem olhar para os

convidados, tinha a sensação de que eram como os romanos que iam ao Coliseu se alegrar com as mortes dos inocentes. As flores cheiravam a morte, faziam parte de uma farsa. Arrastei-me até o altar em uma marcha fúnebre.

Meu pai entregou-me a Augusto, o padre prosseguiu a cerimônia. Eu mal ouvia suas palavras, o meu sim saiu arrastado, deixou marcas de arranhões em minha garganta.

“... até que a morte os separe.”

Essas foram as únicas palavras que pude ouvir em meio a todos os gritos em minha mente. Morte? Que morte? Eu já não me sentia mais viva.

Ao sair da igreja vi D. Matilde tentando romper a multidão.

— Matias pediu para que te entregasse.

Ela sussurrou ao meu ouvido ao me abraçar como se estivesse me cumprimentando, colocou um bilhete dobrado em minha mão. Os muitos olhares me impediam de abrir. Eu precisava dar um jeito de saber o que estava escrito.

Quisera beber suas palavras tal qual moribundo se apegava às últimas gotas do frasco do boticário.

O BILHETE

Depois da cerimônia fomos para casa recepcionar os convidados, havia muita gente da alta sociedade. Olhei ao redor em busca de um rosto amigo, mas não havia nenhum. Senti-me só mesmo estando rodeada de tanta gente.

Meu pai e minha mãe colocaram suas máscaras de sorrisos e puseram-se à entrada. Augusto estava a conversar com o Sr. Oliveira Botelho, presidente da província do Rio de Janeiro.

Resolvi ir à biblioteca ler o bilhete que Matias me enviara, caminhei entre os convidados alguns me interrompiam os passos com cumprimentos de desejos de uma vida feliz. Tudo que eu queria era alcançar a biblioteca, por fim entrei, retirei de entre os seios o pequeno papel dobrado.

— O que tens na mão?

Assustei-me ao ver Augusto atrás de mim.

— Não é nada.

Tentei agir naturalmente, mas meu coração parecia que saltaria pela boca a qualquer momento.

— Dê-me!

Falou secamente estendendo a mão aberta. Eu permaneci imóvel. Ele arrancou bruscamente o bilhete de minha mão. Augusto abriu, leu, seu rosto ficou vermelho, pude ver a raiva desenhada em cada linha que se formou em seu rosto.

Ouvi o baque surdo do tapa, senti o peso da sua mão em minha cara, desestabilizei e caí sentada no chão. A pele ardia, fiquei ouvindo um zumbido, a cabeça doía, mas a dor maior era a de não saber o que Matias queria me dizer. Fiquei um tempo sentada no chão remoendo minhas dores, sentindo as ardências da alma.

Uma voz me dizia que o futuro havia partido sem mim.

Os lençóis têm mais histórias para contar que as páginas de um livro.

COITO

Chegou o momento em que os convidados se foram, o burburinho das conversas silenciou.

Fui para o quarto, troquei-me, pus uma camisola que minha mãe deixou sobre a cadeira e deitei-me em silêncio. Eu desconfiava, mas naquele dia não sabia de fato como aquilo seria devastador para minha alma e perturbador para o resto de minha vida.

Não demorou muito para que Augusto entrasse. A princípio tive a ingênua ideia de pensar no Matias. Logo entendi que pensar no homem que eu amava não cabia em um momento tão angustiante. Ainda de pé tirou o cinto, arriou a calça, levantou minha camisola, puxou a calçola que eu usava e me invadiu como um touro. A dor era tamanha, tive vontade de gritar. Ele abafou minha boca com uma de suas mãos e por alguns instantes pensei que iria morrer. A dor física não era menor que a dor que sentia por dentro. Tentei me debater para que ele saísse, mas foi em vão, sua força em nada se comparava com a minha. Augusto empurrava seu membro violentamente sem se importar com o que eu sentia naquela situação humilhante. Até que senti jorrar lá dentro um jato quente. Só então ele parou e deitou de costas. Senti ânsias de vômito, puxei rapidamente o urinol que ficava debaixo da cama e vomitei. Solucei durante toda a noite enquanto sentia o sangue que escorria entre minhas coxas. Desde aquele dia nunca mais me senti limpa. Fui inúmeras vezes estuprada pelo monstro. Por mais que me esfregasse no banho, a sujeira do porco em mim parecia não sair. Ainda hoje tenho pesadelos com os estupros que sofri pelo verme covarde.

Quando o dia clareou minha mãe foi ao quarto. [17]Ao ver o sangue no lençol deu um sorriso mostrando sua satisfação. Recolheu-o e levou-o para o meu pai. Eu nunca consegui entender como aquilo poderia ser chamado de puro, de imaculado.

Sentamo-nos à mesa para o almoço, meus pais estavam com um ar alegre. Acredito que o lençol manchado de sangue tenha tirado um peso de seus ombros.

— Nós iremos morar em São Paulo.

Anunciou Augusto para nossa surpresa.

— Ora, pois! Mas como morar em São Paulo se a compra da casa aqui já está em fase final?

Meu pai não gostou muito da ideia, muito menos eu. E agora? Como faria para ter notícias de Matias? Quando ele saísse da cadeia como me encontraria? Eram tantos questionamentos, eu tentava descobrir uma saída, mas nada vinha à mente.

— O Facto é que em São Paulo tenho mais contatos de negócios, Sr. Ulisses.

Na verdade o que fez Augusto querer ir para longe havia sido o bilhete que ele leu do Matias. Ele queria tirar-me totalmente seu alcance.

— Bem, se este é o motivo terei de concordar.

Meu pai enrolava o bigode como quem estava pensando no assunto.

— Ontem na festa tratei com o Sr. João Tenório de comprar uma casa que ele tinha à venda. Ele irá enviar-me a papelada para assinar na próxima semana.

— Ora, pois! Como compraste uma casa sem ver antes?

Augusto ficou sem resposta, fez apenas um gesto com a cabeça. Ele era um homem de negócios, jamais faria nada no escuro como a compra dessa casa, mas a pressa de tirar-me de perto de Matias fez com que ele quebrasse suas próprias regras.

— Não quero ficar longe de meus pais! — gritei no desespero da hora.

— Não tens escolha querida, quem sabe o que é melhor para ti agora, sou eu, seu esposo.

Na delegacia D. Matilde chega para visitar Matias.

— Então, pensou na minha proposta? — pergunta Xavier.

— Vim visitar meu filho, apenas isso. Hoje é domingo, dia de visita, não é?

— Sabe que posso barrar sua visita senhora, não sabe?

— Mas o senhor falou que domingo é dia de visitas.

— Sabe como é cadeia, muita gente, às vezes não conseguimos evitar as brigas.

— Aconteceu alguma coisa com meu filho, delegado?

— A senhora sabe madame, quanto mais tempo seu filho passar aqui, mais complicado fica, o risco aumenta.

— Eu quero ver meu filho, me deixa ver meu filho, delegado!

— Calma senhora, calma! A senhora pode não suportar o que vai ver.

— O senhor está me deixando nervosa, delegado. Eu quero ver meu filho! Deixa eu ver o Matias!

— Está bem, mas não vai dizer que não avisei.

Na cela húmida, fedorenta e superlotada, o carcereiro pega Matias e leva para uma sala a fim de receber a visita da mãe.

D. Matilde abraça Matias que reclama de dores ao ser abraçado.

— O que fizeram com você meu filho?

— Nada mãe, é a vida na cadeia.

— Está todo machucado, o que aconteceu?

— Já disse mãe, a vida na cadeia é dura, é assim mesmo, tenho sorte de estar vivo.

— Tenho que tirar você daqui meu filho!

— Entregou a carta a Glorinha, mãe?

— Entreguei.

— E então, ela vem me visitar?

— Não filho, ela não pode.

— Dê ajuda a Glorinha, mãe.
— Não posso filho, ela se casou.
— Eu sei, mas o maldito não fica em casa o dia inteiro.
— Eles vão se mudar, filho.
— Vão sair de Ipanema?
— Vão.
— O maldito quer tirar Glorinha do bairro.
— Eles vão para São Paulo, Matias.
— São Paulo? Ele deve ter achado o bilhete.
— Esquece essa menina, Matias. Ela agora está casada.
— Não posso mãe.
— Vou dar um jeito de te tirar daqui filho, você vai conhecer outra moça.
— Eu não quero outra moça, a senhora não entende, eu amo a Glorinha, ela é a mulher da minha vida.

Mais tarde na delegacia, Xavier conversa com Augusto:

— Então delegado, está colocando o negrinho no lugar dele?
— Todos os dias nós damos uns corretivos para pensar na burrada que fez.
— Ótimo delegado! Seus belos serviços estão sendo apreciados com muito gosto.
— O senhor é muito generoso doutor.
— Como sei que tu és muito dedicado quero entregar-lhe essas chaves.
— Que chaves são essas, doutor?
— Chaves da sua nova casa, delegado.
— Como assim?
— Chega de subúrbio, delegado! De agora em diante o senhor vai morar em Copacabana.
— Mas doutor, o que vou ter que fazer para merecer um presente desses? Quer que eu mate o negrinho?
— Quem está a dizer que tens que fazer alguma coisa para ganhar um presente de um amigo? Jamais desejei a morte desse jovem.
— Então, qual o favor que o senhor quer?

Augusto se aproxima de Xavier e fala baixo ao pé do ouvido:

— Quero que marque-lhe a cara, o quero deformado. Que fique de um jeito que minha senhora vomite ao ver a cara do mentecapto.

— Mas doutor...

— Que mas? Que mas é esse, Xavier? Encarcere algum desses pederastas que tu conheces. Esses que andam com navalhas e marque a cara desse crioulo. Porém deixe-me ir para São Paulo primeiro.

— Se vai para tão longe, porque quer marcá-lo?

— Posso ter que vir visitar meus sogros, Glorinha pode cruzar com esse mequetrefe, e além do mais essa gente tem que ser marcada, só entendem seu verdadeiro lugar ao serem tratados como gado.

A dor não conhece os limites das fronteiras

SÃO PAULO

Tinha um mês que nós havíamos mudado para São Paulo, a vida com Augusto era fria e distante, éramos como dois estranhos, tudo que ele queria de mim era que eu lhe desse filhos, então nossa vida sexual era ativa, contudo jamais houve um gesto de carinho, nunca senti prazer, muito pelo contrário, sentia dor, nojo, era algo invasivo, eu me retraía instintivamente, então na maioria das vezes sentia dores insuportáveis.

Nossa casa era uma das mais luxuosas, até mais que a dos meus pais. Cresci no luxo, mas nunca quis ser parte dele. Para Augusto eu tinha menos valor que um de seus quadros ou tapetes importados. Sentia que até nossas mobílias tinham mais valor que eu.

Com pouco tempo de casada comecei a sentir enjoos matinais, tonturas e perceber alterações no corpo. O medo de uma possível gravidez era enorme. Eu não queria crescendo dentro de mim um filho do Augusto, cheguei a procurar uma mulher que vendia poções e ervas para aborto e comprar erva de cohosh negro. Fiz o chá, mas na hora não tive coragem de beber.

Ainda tinha esperança de que fosse engano, mas minha esperança não durou muito, eu realmente estava grávida. Ainda demorei uma semana para contar a Augusto.

Ele ficou numa alegria que eu não imaginava. Paramos de fazer sexo, segundo Augusto poderia machucar o bebê, concordei e fiquei muito feliz com a ideia de não ter aquele homem entrando em mim por um bom tempo.

— Glória, meus pais estão a chegar de Portugal dentro de uma semana. Mamãe vai cuidar para que passes bem e dês a luz a um filho saudável.

— Não há necessidade, sei me cuidar.

— Tu és inexperiente, mamãe há de dizer-te o que fazer.

A minha vida toda tive alguém para me dizer o que fazer, meu pai, minha mãe, marido e agora sogra. Eu não sabia se era possível piorar a situação. Fora que eu não queria ter um filho a não ser se fosse com o Matias, todavia fazia meses que não tinha qualquer notícia. Eu estava corroída, a saudade estava me matando, por diversas vezes pensei em fugir, mas ir para onde? Sobreviver de que? Eu nem sabia se ele ainda estava preso.

Entre a dor e o tormento a vida pede uma chance.

PODIA PIORAR

Eram 14hs da tarde quando eles chegaram, não fui buscá-los no Porto de Santos porque estava terrivelmente indisposta, os enjoos da gestação me tiravam tudo que batia no estômago.

O Sr. Francisco, pai do Augusto era um homem alto, elegante, com um farto bigode e barba muito bem feita, tinha um ar alegre, em nada se parecia com a esposa. Trajava um sobretudo preto e uma cartola.

Minha sogra, D. Conceição era uma senhora farta de carnes, seios protuberantes que lhe enxiam o vestido, tinha a expressão dura, sorrisos não lhe cabiam no rosto. Chegou usando um chapéu que fazia sombra para mais duas pessoas.

— Perdoem-me Sr. Francisco e D. Conceição, não pude sair de casa, estava muito indisposta. Sejam bem vindos, sintam-se em casa.

Apesar do meu péssimo relacionamento com Augusto eu queria que seus pais fossem bem recebidos.

— Claro que sentirei como se estivesse cá a minha casa, ora pois, esta é a casa do meu filho.

D. Conceição falou de forma extremamente rude.

— É um prazer conhecer minha nora. És mais formosa do que imaginei.

Sr. Francisco esbanjava gentilezas, era difícil imaginá-los como um casal.

— Tu estás muito magra para quem carrega um neto meu. A partir de hoje darei ordens à cozinheira. Não quero que o bebê nasça franzino por conta de uma mãe relapsa.

Nesse primeiro contato com minha sogra percebi que teria meses difíceis pela frente. Apesar ter sido religiosa passei a ir à igreja, para não ter que aturar suas reclamações. Quando estava em casa na maioria do tempo passava trancada em minha prisão de luxo. Cheguei a pedir a Deus que tivesse piedade de mim e levasse aquele filho, eu não queria partilhar a desventura que era minha vida com uma criança. Pior ainda seria se fosse uma menina, pensei que se morresse anjinho na barriga lhe pouparia muita dor, mas Ele não me ouviu e minha barriga crescia.

Comecei a sentir mexer, os chutes me alegravam, aquela vida que crescia dentro de mim passou a ser minha companhia, à partir daí comecei a amar meu bebê e a pedir perdão a Deus pelas rezas que havia feito. Temi muito que Ele me castigasse levando meu filho.

A lâmina ensanguentada se ri, debocha da dor.

Madame Navalha

No Rio de Janeiro.

Xavier prende Madame Navalha no [\[18\]](#) Largo do Rocio. O Largo do Rocio era um local no Rio de Janeiro onde homossexuais buscavam parceiros para o sexo. Madame Navalha era um negro alto e forte, com trejeitos afeminados, muito bom com navalhas, era tão bom que conseguia ser temido por todos.

— Doutor delegado, gostaria de saber por que estou sendo presa? — perguntou Madame Navalha com seu deboche corriqueiro.

— Preciso que faça um favor pra mim.

— Não estou preso?

— Dessa vez não.

— Precisa de um favor meu, que lindo delegado!

— Não se empolgue muito, ou te tranco para o resto da vida com os presos fedorentos dessa delegacia.

— Um monte de homem junto, que delícia, Xavier!

— Doutor Delegado Xavier, mais respeito seu pederasta de merda. Vamos logo ao assunto. Tem um preso aí dentro, é um rapaz novo, quero que deixe a cara do infeliz bem marcada, quero que marque a ponto de quem olhar pros cornos dele vomitar.

— Tadinho gente! Mas porque vai fazer isso com o menino?

— É um pedido especial, senão tem colhões pra fazer eu arrumo outro.

— O que vou ganhar?

— Vida livre no Largo do Rocio.

— Só isso?

— Acha pouco? Ninguém vai incomodá-lo, tem minha palavra.

— Quer agora?

— Vou colocá-lo na cela, à noite você faz o serviço.

— E os outros presos? Eles vão me pegar.

— Todo mundo conhece a fama de Madame Navalha, ninguém vai se meter a besta.

— Depois do serviço estou liberada?

— Imediatamente.

— Quem é o pobrezinho?

— É o mais novo da cela, você vai saber logo que o vir.

Xavier conduz Madame Navalha pessoalmente à cela. Abre e a joga para dentro. Os presos reconhecem a travesti mais temida do Rio de Janeiro naquela época. Afastam-se olhando para o chão sem querer confusão. Matias não a conhece, e estende a mão.

— Prazer, meu nome é Matias, e o seu?

— Tão bonitinho gente, que pecado!

— Não tenho problemas com seus gostos sexuais, mais vou logo avisando, não quero gracinha comigo.

— Madame Navalha.

— Como disse?

— Madame navalha é meu nome, não meu nome, mas todos me chamam assim.

Chega a noite. Cada um dorme como pode, no canto que lhes cabe. Madame Navalha ficou com os olhos bem abertos, foi o único que permaneceu acordado na cela. Ela acordou dois dos presos. Eles se assustaram, pediu-lhes silêncio e imediatamente ordenou que segurassem Matias. Ao segurá-lo, Matias acordou e tentou se soltar. Madame Navalha segurou uma navalha em cada mão.

Em toda cadeia ouviu-se os gritos de Matias. Os gritos eram tão doloridos e desesperados que talvez tenha se ouvido no Rio de Janeiro inteiro.

Matias foi deixado de canto, sangrando. Os presos começaram a gritar.

Na delegacia, Alceu, o único infeliz de plantão, correu para as celas ainda vestindo as calças. A pobre meretriz que estava com ele correu para a rua assustada e pegou o rumo da parte escura da cidade.

Alceu ao ver Matias sangrando e todo o alvoroço, recuou e partiu para a casa do delegado para chama-lo.

Em casa, D. Matilde acordou assustada.

— Meu Matias! Preciso tirar meu menino daquele lugar.

Pela manhã.

D. Matilde chegou à delegacia. Só Xavier estava presente.

— Bom dia, senhor delegado.

— Bom dia! Acho melhor a senhora se sentar.

— Aconteceu alguma coisa com meu menino?

— Sente-se, por favor!

— Onde está meu filho? Eu quero ver meu menino.

— Calma senhora!

— Fala logo!

— Seu menino se envolveu numa briga.

— Cadê ele? Eu quero ver o Matias.

Xavier segurou D. Matilde e disse:

— Ele está vivo, mas muito machucado.

— Onde ele está? Eu quero vê-lo!

— Agora não dá.

— Pela senhora levei o menino para a casa de uma parteira amiga. Foi pela senhora.

— O que fizeram com meu filho?

— Ele está bem machucado, mas vai viver.

— Por que deixou fazerem isso com ele?

— A culpa é sua, o garoto podia ter ido pra casa há muito tempo, mas a senhora não quis colaborar.

D. Matilde começou a chorar. Não um choro que seja escutado ou visto, se não fosse o fato das lágrimas escorrerem e o corpo tremer.

— Preciso levar meu filho para casa, delegado.

— Já disse, só depende da senhora. Deveria aproveitar enquanto está vivo.

D. Matilde olha para o delegado esperando um pouco de piedade.

— Então, a senhora não quer acabar com isso logo?

D. Matilde pensou no filho, no marido que estava na Europa. Ela se sente suja, mas deu seu sim com a cabeça e olhou para o chão. Xavier sorriu e disse:

— Não vai demorar, logo vai ter seu filhinho de volta.

Xavier colocou D. Matilde apoiada de costas na mesa da sala. Levantou sua saia, rasgou sua anágua e roupas íntimas. Arriou as calças e a sodomizou violentamente. Xavier tapou a boca de D. Matilde, não precisava, o choro estava engasgado pela vergonha e humilhação. Para Xavier cinco minutos. Para D. Matilde, uma eternidade.

Voltando para casa

D. Matilde caminhou pela rua com Matias com a cara toda enfaixada. Não trocaram uma palavra. Ela, olhava para o chão, se sentindo a pior mulher do planeta. Ele, pensando como realmente estava seu rosto.

Entrando em casa, D. Matilde colocou a chave na porta. Matias viu sangue a escorrer para os pés de sua mãe.

— Mãe, a senhora está bem?

A pergunta foi o gatilho necessário para que ela se desmanchasse em lágrimas.

— O que houve?

D. Matilde correu para dentro de casa. Matias foi atrás.

— O que aconteceu, mãe?

— Eu tive medo de perder você, meu filho.

— Por que está sangrando?

D. Matilde voltou a chorar copiosamente. Matias leva as mãos à cabeça indignado.

— Eu mato aquele desgraçado!

Matias ameaçou sair, D. Matilde o segurou pelo braço, ele tentou ir, ela o puxou. Os dois se abraçaram e choraram copiosamente.

Durante o desjejum do dia seguinte, o silêncio era insuportável a ponto de se ouvir o café descer à garganta.

— Eu preciso ver meu rosto.

— Agora não meu filho, precisa esperar mais um pouco.

— Esperar o que, mamãe?

— Ainda não estão cicatrizadas, com o tempo as cicatrizes devem suavizar.

Matias levantou da mesa com ímpeto. D. Matilde foi atrás gritando.

— Não, filho!

Na frente do espelho, Matias começou a tirar a atadura. D. Matilde tentou pará-lo, mas ele a empurrou para cima da cama. Matias tirou a atadura com mais rapidez. D. Matilde interveio novamente, Matias gritou:

— Para, mãe! Eu vou ver o meu rosto queira a senhora ou não.

Matias tirou toda a atadura. D. Matilde começou a chorar. Ao ver seu rosto desfigurado, Matias deu um soco no espelho rasgando sua mão.

O primeiro choro carrega a inocência de quem ainda não sabe que o mundo foi separado por cor.

O NASCIMENTO

Era domingo, acordei bem cedo, antes de todos, eu pretendia tomar meu café na cozinha antes que minha sogra e Augusto se levantassem. Queria evitar discussões. Eu sabia que café da manhã na presença deles era embate na certa.

Antes mesmo de minha xícara chegar na metade senti uma dor insuportável, cheguei a gritar instintivamente. Em pouco tempo estavam os dois na cozinha.

— O que está a acontecer?

Augusto me apoiou para que eu me levantasse, por causa da dor eu havia ficado encolhida de cócoras no canto.

— Senti uma dor forte, mas já passou, não há de ser nada.

Mal havia terminado de falar e novamente a dor voltou. Parecia que estavam arrancando minhas entranhas. Soltei outro grito.

— Será que há algo errado? Meu filho não pode nascer antes do tempo, ainda faltam dois meses.

Augusto dirigiu a pergunta a sua mãe que por sua vez nada respondeu. Pela primeira vez o vi aflito, achei ter visto uma lágrima em seus olhos.

D. Conceição se aproximou de mim, olhando fixamente em meus olhos ergueu a barra do meu vestido e me tocou introduzindo o dedo em minha parte íntima.

— Leve-a para a cama e pegue toalhas. Logo subirei com a água.

Ela pôs a chaleira no fogo e não disse mais palavra alguma.

Augusto tremia com medo de que o filho nascesse morto ou doente por não terem completado as nove luas. Naquele dia vi que dentro daquela carcaça fria havia resquícios de humanidade.

O parto levou pouco mais de uma hora. A mãe de Augusto era dura, quase cruel, gritava mandando que eu empurrasse enquanto ele, aflito segurava minha mão. Por fim, ouvi o choro tão esperado.

— Eu sabia! Essa coisa não é meu neto.

— O que queres dizer?

Augusto se aproximou da mãe para ver a criança em seu colo.

— Isso é filho de negro.

Ela estava transtornada quase aos gritos. Augusto parecia confuso, sem entender o que ela estava dizendo.

— Não mãe! Olha! O bebê é branco.

— Em poucos dias tu irás me dizer se estou certa ou não. A cor escura ao redor das unhas e esse saco roxo mostram que descende desse povinho.

Os dois saíram do quarto. Aquele foi o último dia que vi D. Conceição, naquela mesma semana meus sogros partiram de volta a Portugal.

No Rio de Janeiro

— Saia do meu quarto, por favor. Preciso ficar sozinho.

D. Matilde foi para a sala, estava preocupada com o filho, fazia meses que ele não saia do quarto.

—Deixe o menino! Dê um tempo para ele.

O pai de Matias era um homem não só inteligente, era sábio.

—Gonçalo, estou preocupada demais com Matias. Ele não conversa, não sai daquele quarto, nem a barba faz mais.

—É natural, vai demorar a conseguir encarar o rosto no espelho, ele é jovem, isso tem muito peso.

—Eu sei, eu sei!

— Hoje enviei uma carta para o Dr. Charles Miller, aquele cirurgião plástico que te falei.

—Mas é fora do país, não temos dinheiro pra isso.

—Eu faço qualquer coisa por nosso filho.

Sobrevivo das memórias bebidas na fonte das lembranças.

ANO DE 1948 (35 anos depois)

— Então foi isso, Marta. Você não se cansa mesmo de ouvir essa história.

— Já disse que não, vó! Sua história é linda. Estou louca para saber o final.

Marta ouvia atentamente e de vez em quando fazia mais alguma anotação em seu caderno de capa de couro.

—Deixa eu ler isso aí?

Glorinha estendeu a mão para pegar os escritos de Marta, mas ela segurou-os junto ao peito.

— Nada disso! A senhora só vai ler depois de publicado.

— Marta, Marta! A quem será que você puxou?

Marta franziu a testa e fez gestos de ombro fingindo desconhecer suas habilidades com a pena herdadas da avó que já estava em seu sexto romance.

— Está nervosa?

— Nervosa, ansiosa e com medo de que Matias não sinta mais o mesmo por mim. Já estou velha, não sou mais a menininha que ele conheceu.

— Ah! Para de bobagem! A senhora ainda arranca muitos suspiros. Pensa que não vejo? É a viúva mais cobiçada de São Paulo.

— Hum! Pensando bem, acho que você tem razão.

Glorinha e a neta Marta caíram num riso de cumplicidade.

— Falta pouco mais de 1h para chegarmos à estação.

Glorinha falou ao olhar para um enorme relógio em uma das estações.

— Aproveita que ainda temos um tempo nesse trem e me conta mais.

— Mais o que? Você foi quem mais ouviu essa história.

— Conta de quando você fugiu do vô Augusto.

— Tá! Conto. O seu avô passou uma semana sem falar comigo depois que o Fernando, seu pai nasceu. Meu filho ficou sem registro no cartório até próximo ao casamento, quando seus avós o registraram, senão ele ficaria sem a benção do padre.

— Por isso ele não tem o sobrenome igual ao do meu tio, quando pequena eu não entendia isso.

— Augusto passou a beber, virar madrugada na jogatina, quase perdemos tudo, até nossos quadros e tapetes foram levados para pagar dívidas de jogo. Se não fosse papai nos salvar da falência, teríamos perdido tudo. Com um mês de resguardo levei a primeira surra, daí

por diante foi quase que diário. Foi quando enviei a carta para Matias me pegar na Estação no Rio de Janeiro. Fugi com Fernando ainda bebê.

— Daí ele não apareceu e a senhora ficou esperando na estação.

— Fiquei desolada, não tinha para onde ir, se voltasse para a casa dos meus pais eles me enviariam de volta. Dormi àquela noite com meu bebê em um banco, estava muito frio. Pela manhã uma senhora me chamou para trabalhar em sua pensão em troca de comida e lugar para dormir.

— Quanto tempo ficou lá?

— Quase cinco meses. No primeiro mês descobri que estava grávida, escondi o máximo que pude. Quando a D. Miranda descobriu me pôs na rua.

— Foi quando a senhora voltou?

Marta de vez enquanto parava para anotar algum detalhe.

— Primeiro tentei me virar, mas não consegui nada. Quem empregaria uma mulher de barriga e ainda com um bebê de colo? Fui para a casa dos seus bisavós. Uma semana depois Augusto apareceu para me buscar, eles o avisaram. A única coisa boa foi que eles liberaram a Bá pra ir embora comigo. Tadinha sofria tanto quando me ouvia apanhar.

— Eu queria muito tê-la conhecido.

— Ela morreu dormindo, bem velhinha. Nessa época sua mãe estava grávida de você, ela ajudou em seu enxoval, não falava em outra coisa. Acordei em uma manhã, fui ao quarto, ela estava com o ar sereno feito um anjo. Aliás, ela foi o meu anjo.

— Que lindo!

Marta ficava encantada com aquela história, parecia sempre que era a primeira vez que ouvia.

— E aí nasceu seu tio, Augusto Jr. A vida dos dois lembrava a de Isaque e Esaú. O Júnior era o queridinho do Augusto. Fernando era o saco de pancadas e alvo de chacota dos dois. Eles se juntavam para atormentá-lo. Colocavam apelidos faziam brincadeiras sem graça. Augusto nunca conseguiu ser pai para o Fernando, via nele o espelho do Matias. Meu filho sofreu muito. Eu tentava defendê-lo, mas sempre pareceu em vão. Acho que por isso ele é um homem tão forte, diferente do Júnior.

Glorinha olhou para fora do trem e ficou com o olhar perdido, como quem buscava na memória lembranças antigas.

— Você ainda o ama, vó?

— Quem?

— Meu vô, Matias.

— O amo como em meus 15 anos. Fui fraca, deveria ter lutado mais pelo que acreditava.

— A senhora não foi fraca, vó! Sua situação era muito difícil.

Marta acarinhou a mão da avó com o rosto.

— Marta querida, a vida deve ser tomada a força, agarrada à unhas se for preciso. Ninguém, mas ninguém tem o direito de nos dizer o que fazer. Está entendendo?

Glorinha queria ter certeza que a neta não cairia no mesmo erro, então esperou até que a menina fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Acho que estamos chegando.

Marta se debruçou na janela admirando a paisagem do Rio de Janeiro.

— Sim, estamos chegando! Estou tremendo de ansiedade.

Glorinha abriu a bolsa, pegou um espelho, ajeitou o cabelo e passou a mão no rosto examinando os desenhos do tempo.

— Calma vó! A senhora causa inveja a muita menina.

— Ah Marta! Por isso que eu te trouxe, com você a viagem fica sempre mais divertida.

Glorinha falou apertando a bochecha da neta e sorrindo largamente.

A porta abriu e uma moça veio ao portão. Cabelos à altura da cintura com as pontas em grandes cachos, a pele cor de jambo que realçava-lhe os olhos de jabuticabas.

— Boa tarde! Chamo-me Glória e essa é minha neta, Marta. Há muitos anos morei nessa casa ao lado. Estou à procura de um amigo que morou aqui.

— Quem está aí?

Uma voz macia veio de dentro da casa, logo apareceu na varanda uma mulher de porte altivo, postura elegante, com uma beleza que parecia saída de uma gravura.

— É a senhora Glória com a neta Marta. Estão à procura de um amigo que morou aqui há anos.

Ao ver a mulher e a moça que as atendeu, Glorinha ficou sem chão, não deveria estar ali, Matias constituiu família, ela não tinha o direito de voltar como um fantasma do passado para assombrar sua linda família. Eram os pensamentos que permeavam sua mente.

— Desculpem! Eu não deveria ter vindo.

Glorinha pegou a mão da neta para irem embora e virou-se de costas numa tentativa de esconder as lágrimas que começavam a rolar.

— Esperem! Voltem! Vamos falar sobre o Matias!

Ao ouvir o nome os pés de Glorinha travaram, seu corpo imóvel como estátua permaneceu ali na calçada, estática. Momentos depois as quatro se encontravam sentadas à mesa. O chá era servido. Ouvia-se o som das colheres a mexer o açúcar no fundo nas xícaras, contudo as palavras permaneciam mudas.

— Por que nos chamou de volta?

Finalmente Glorinha teve coragem de perguntar.

— Antes de qualquer coisa deixe-me apresentar, sou a Madalena e essa é a minha filha, Becca. Se possível gostaria que as duas subissem em nos deixassem a sós por um

momento.

Marta olhou para a avó que lhe fez um gesto afirmativo com a cabeça. As duas moças pediram licença e deixaram a mesa. Madalena ficou de pé, foi até a janela, abriu um pouco mais a cortina, caminhou de volta à mesa, mas não sentou, parecia que queria tomar coragem para dar início à conversa.

— Qual o motivo da sua vinda?

Madalena olhava fixamente nos olhos de Glorinha com ar inquisidor.

— Já falei, vim ver um velho amigo.

— Amigo? Eu sei muito bem quem é você. Pela descrição eu soube na hora a respeito de quem se tratava. Meu Matias sempre falou muito sobre você.

— Então, se sabe quem sou o porquê da pergunta?

Glorinha começava a irritar-se.

— Você desgraçou a vida do Matias, o trocou por sua vidinha de princesa.

— Vidinha de princesa? Você não sabe do que fala.

Num ímpeto Glorinha levantou-se e as duas ficaram cara a cara.

— A Bela viveu no palácio esses anos todos, só agora resolveu visitar a Fera.

Madalena riu com ar de deboche e raiva.

— Do que você está falando?

Só então Glorinha ficou sabendo das navalhadas no rosto de Matias, das oito cirurgias e que o mandante havia sido Augusto.

— Meu Deus! Eu não fazia ideia. Pensei que ele havia desistido de nós dois.

Glorinha sentiu tontura, Madalena a apoiou para que se sentasse.

— A princípio ele não quis que o visse, se sentia um monstro. Depois das oito cirurgias ele não te procurou por acreditar que você já havia estabelecido a vida. Agora peço que se vá, deixe-o em paz.

— Grata pelo chá.

Glorinha aproximou-se do chapeleiro, um móvel de madeira que estava próximo à entrada e arrumou-se enquanto aguardava Marta.

Deu uma última olhada para a casa que foi palco de seus dias felizes e saíram.

Nem cicatrizes, nem distâncias sobrepujaram a força do amor que guardei pra você.

ANO DE 1960

O Teatro Municipal do Estado da Guanabara[19] está lotado para o lançamento de Flores de Chumbo, escrito por Marta Alvares Noronha.

Próximo à entrada há um casal de braços dados, acariciando as mãos em um gesto cúmplice e com sorrisos que mal cabem nos rostos. Ela, uma bela senhora que ainda arranca muitos suspiros, principalmente os dele, o homem a seu lado, um mulato charmoso com uma pequena cicatriz no rosto quase encoberta pela barba bem feita que começa a ficar grisalha.

— A sua prima Madalena e sua sobrinha Becca, não vem?

— Claro que sim, querida! Só estão atrasadas como sempre. Aquelas duas não perderiam por nada.

Ela tira da bolsa um pequeno papel dobrado, ele abre, lê, coloca-o no bolso e sorridente beija-lhe a mão. Nele está escrito:

*A flor vive tão pouco
Algumas por dias
Outras apenas uma manhã
Logo murcha
Logo cai
A flor não se importa com o tempo
O quanto de vida terá
A flor aproveita o momento
Lhe dado para o desabrochar
Foi uma flor que me ensinou
Que há vidas de pedra
E vidas de flor.*

Um repórter do Diário de Notícias aproxima-se de Marta fazendo anotações em seu pequeno caderno e pergunta:

— Marta Feitosa, esse romance tem final feliz?

— Final feliz? Pra que esperar pelo final? Por que não ser feliz agora?

Fim?

os autores

Quem é Elis Barroso

Nasci no Estado do Rio de Janeiro, no Município de São Gonçalo, em 03 de Março de 1974. Decidi cursar Letras no ano de 2007 devido à paixão pela Literatura. Desde a infância os livros e eu tivemos uma estreita relação, acredito terem sido eles os meus guias no mundo das palavras. Escrevia poemas como forma de catarse, decidi que seriam apenas meus, ledô engano não pude detê-los, acho que eles se sentiram insatisfeitos em serem mantidos em cativeiro e decidiram voar, alguns pousaram aqui nesse livro. Caso queira saber mais sobre mim pergunte aos meus escritos.

Autora de Quebrando as Regras e Em Outras Peles.



Quem é Aj Tolissano

Sou Teólogo, Escritor, editor, poeta e roteirista. Atualmente vivo em São Gonçalo. Em 2007 publiquei meu primeiro livro de poesias, Minhas Mulheres dos Outros. Em 2015 publiquei uma versão em português da Bíblia na versão digital. Em 2016 participei da antologia Narrativas Curtas FLUPP PENSA 2016- Casa da Palavra-Leya. Em 2017 foi a vez de Quadrado Sujo, uma coletânea de 13 contos e Eva, distopia aclamada pela crítica e público. No mesmo ano concorri com o romance Esquizofrenia ao Prêmio Kindle de Literatura e participei do Laboratório de Narrativas Negras para Audiovisual - Flup/Film2B/ Rede Globo.

Em 2018 lancei o romance de terror psicológico Psicopatas S/A.

gnt

ASAP
WU-SE
AGU

Notas

[1] Em boa parte do século XX, a estação abrigava trens de média e longa distância, que partiam da estação da Luz até o final de 1996. De acordo com o site “Estações Ferroviárias”, o local abrigava composições em direção ao Rio de Janeiro até o ano de 1991.

[2] O nome da **cidade do Rio de Janeiro** se deve ao fato dos navegadores portugueses terem avistado a Baía de Guanabara, no dia 1º de Janeiro de 1502. Ao acreditarem que se tratava da foz de um grande rio deram o nome de Rio de Janeiro.

[3] **Ama de leite** é a mulher que amamenta criança alheia quando a mãe natural está impossibilitada de fazê-lo. Geralmente esse encargo era dado às escravas que já tinham filhos.

[4] “cheio de nove horas” “cheio de frescura, de manias, de idiossincrasias, de salamaleques” o limite das nove horas da noite, “a hora clássica do século XIX, regulando o final das visitas, ditando o momento das despedidas”. Qualquer um que teimasse em ficar na rua depois disso poderia ser “apalpado e revistado” pela polícia, e “apenas os boêmios, notívagos impenitentes, teimavam em afrontar os perigos da noite, da polícia, dos ladrões e capoeiras esfaimados”.

[5] Em 1920 existia uma lei relacionada ao tamanho dos trajes de banho. As mulheres não podiam mostrar muito as pernas. Algumas insistiam em infringir a lei e acabavam presas. Para fiscalizar, a polícia fazia patrulhas nas praias com uma fita métrica, para medir o tamanho da roupa de banho. Isso até mais ou menos o ano de 1937.

[6] O termo “mascate” vem de “cidade da Arábia”, de onde vieram árabes para o Brasil. Especialmente no Rio de Janeiro, a mascateação introduziu o comércio popular, com alta rotatividade de produtos, enorme quantidade de mercadorias vendidas, promoções e liquidações. Assim, ao longo dos anos, formou-se uma zona comercial de grande porte no centro da cidade, famosa por seus produtos baratos e de qualidade, o SAARA, sigla da Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega.

[7] O Fonógrafo é um aparelho inventado em 1877 por Thomas Edison para a gravação e reprodução de sons através de um cilindro. Ele foi o primeiro aparelho capaz de gravar e reproduzir sons. Foi um avanço importante para o desenvolvimento de mecanismos de som

[8] A valsa começou na Áustria, no século XVIII, e se espalhou pelas cortes de vários países. No Brasil, chegou com a família real em 1816, que trouxe em sua bagagem duas formas, a vienense, em andamento rápido, e a francesa, em andamento moderado.

Aos poucos a valsa se tornou uma importante dança de salão, sendo até hoje tradicional em momentos importantes da sociedade, como bailes de formatura, de debutantes ou mesmo de casamento.

[9] O caixeiro viajante era um vendedor que visitava os comerciantes fazendo vendas por atacado. No século XIX e início do século XX, eles se deslocavam a cavalo, mula ou burro. A partir das décadas de 1920 e 1930 os animais começaram a ser substituídos por automóveis

[10] Na Colônia, no Império e até nos primórdios da República, a função jurídica da mulher era ser subserviente ao marido. Da mesma forma que era dono da fazenda e dos escravos, o homem era dono da mulher. Se ela não o obedecia, sofria as sanções.

[11] A sexualidade feminina era tão inexplorada que, até o século XX, o orgasmo feminino ainda era desconhecido.

[12] No Brasil, até 1970 do século XX, bem recentemente, se uma mulher com idade inferior a 21 anos “fugia para casar”, mesmo que não tivesse consumado a relação carnal, tinha que casar para não ficar isolada ou negligenciada à solidão e estigmatizada como “prostituta”.

[13] Após a assinatura da Lei Áurea, os descendentes de africanos escravizados conquistaram a liberdade, mas não a cidadania. As elites tentaram apagar o passado escravista do país e substituíram as senzalas pela institucionalização da discriminação racial. Com o fim da escravidão, muitos negros buscaram no trabalho informal uma maneira de sobreviver.

[14] Sufrágio feminino foi um movimento social, político e econômico de reforma, com o objetivo de estender o

sufrágio (o direito de votar) às mulheres. No Brasil, o sufrágio feminino foi garantido em 24 de fevereiro de 1932, assinado pelo presidente Getúlio Vargas, o qual disciplinava que era eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma do código.

[15] Do ponto de vista da moral, os pais não valorizam a paixão correspondida entre o casal de namorados ou recém-casal, posto que desconfiavam desse sentimento, passageiro, destruidor, contrário às boas relações, às uniões duráveis que fundavam às famílias estáveis. Pois para os pais havia o seguinte princípio: “casamentos que começam com paixões acabam com chiliques”, dizia Brantôme

[16] No Brasil República, as leis continuaram reproduzindo a ideia de que o homem era superior à mulher. O Código Civil de 1916 dava às mulheres casadas o status de “incapazes”. Elas só podiam assinar contratos ou trabalhar fora de casa se tivessem a autorização expressa do marido.

[17] A valorização dada à virgindade feminina era uma forma das famílias, especialmente as de elite, de zelarem pelo status e posição na sociedade de acordo com os valores morais vigentes, ao mesmo tempo em que exerciam um controle sobre o corpo dessas mulheres.

[18] No Rio de Janeiro, o largo do Rocio, atual Praça Tiradentes foi célebre por ser o lugar onde à noite reuniam-se os pederastas passivos à espera de quem os desejasse e os possuísse. Existiam lugares que eram bastante frequentados por homossexuais, tais como portas dos teatros, cafés, restaurantes, bilhares, botequins, portarias de conventos, escadarias de igrejas, casas de banho, além dos já citados parques e praças, o que dá ao leitor uma ideia da ampla rede de relações homossexuais que existia naquele período. A situação ficou tão comum e isso causava aversão às classes médica, jurídica e religiosa, que foi necessário importar prostitutas da Europa, na intenção de conter as práticas homossexuais..

[19] Com a definitiva mudança da capital para Brasília, em 21 de abril de 1960, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se o estado da Guanabara. O restante do estado seguiu como estado do Rio de Janeiro. A Guanabara foi o único caso no Brasil de uma cidade-estado, até hoje, só Brasília, na condição de distrito federal teve um status parecido.